



A RELAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS COM A AMÉRICA LATINA

Wilian Carlos Cipriani Barom¹

Resumo: O presente texto sintetiza os resultados de uma investigação sobre a possibilidade de pertencimento de jovens brasileiros à América Latina e suas manifestações – em variados graus – a partir de questões escolhidas do projeto latino-americano Jovens e a História. Investigou-se vinte e duas cidades brasileiras, um total de 2240 jovens, com idade de 15 anos, de escolas públicas de periferia, rurais, centrais e de excelência, e particulares alternativas, confessionais e laicas. Utilizou-se do software GNU PSPP, a partir das variáveis localização geográfica, aspectos socioeconômicos e tipos de cidades, para analisar seis questões relacionadas, direta ou indiretamente, à questão do pertencimento regional. As contribuições teóricas dos historiadores alemães Jörn Rüsen e Bodo Von Borries, especialmente os conceitos de cultura histórica, consciência histórica e identidade histórica foram revisitados nesta investigação. Dentre as principais conclusões da pesquisa, destaca-se a prevalência do posicionamento neutro nas repostas dos jovens; a presença da ideologia (neo)liberal e dos critérios ético-morais como eixos que estruturam a interpretação da realidade, em paralelo com as recuperações de memórias e experiências do passado; a presença de noções dimensionais de pertencimento, que variou conforme as temáticas e as variáveis; um sentimento patriótico que não se traduziu substancialmente no interesse dos jovens pela história do país, do desenvolvimento das nações, da democracia, no conhecimento da própria região, localidade onde vive e história de pessoas comuns; um interesse significativo no fluxo de produtos, trabalho e estudo na região, na unificação da moeda e na construção de infraestruturas que beneficiem a integração comercial entre os países sul americanos; ao mesmo tempo em que a ideia de um futuro comum, unificado, a região como um único país foi significativamente rejeitada pelos jovens. Ainda, outras conclusões encontradas: existem relações significativas entre a localização geográfica dos jovens e a atribuição de importância aos assuntos que se referiram à América Latina, assim como entre o tamanho das cidades e a valorização da origem étnica; e, quanto ao tipo de escolas, as escolas públicas de periferia demonstraram maior atribuição de interesse às questões individuais, locais, subjetivas e de solidariedade, enquanto que as escolas privadas laicas e empresariais apresentaram maiores interesses em questões que remeteram ao estrangeiro, ao comércio, ao fluxo de produtos, serviços, oportunidade de estudo e trabalho.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Professor de metodologia e prática de ensino no departamento de História da mesma universidade.



O projeto Jovens e a História e seus conceitos de base

O projeto latino-americano Jovens e a História, ou também conhecido como Jovens e a História no Mercosul, é uma versão adaptada de Youth and History, desenvolvido no continente europeu, em 1994. Naquela época, sob coordenação dos professores Magne Angvik e Bodo von Borries, com o apoio da rede European Standing Conference of History Teachers Associations (Euroclio), o projeto Youth and History buscou dar respostas sobre a qualidade, as características e os resultados do ensino de História, especialmente, como orientação para a vida prática. Um estudo que se propôs analisar a consciência histórica de jovens de 15 anos e suas atitudes políticas, por meio de uma pesquisa que versou sobre conteúdos, métodos e concepções de história e cidadania (CERRI; AMEZOLA, 2007, p. 34).

Na literatura do projeto Jovens e a História, a justificativa dada para a recontextualização do projeto Youth and History para o cenário latino-americano se refere às possíveis semelhanças entre os dois contextos político/culturais: a década de 1990 na Europa e seu processo de integração política e cultural das nacionalidades em torno da União Europeia (UE); e a década de 2010 na América Latina, quando iniciam as primeiras práticas da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), fundada dentro dos ideais históricos de integração sul-americana, conjugando as duas maiores uniões aduaneiras regionais (Mercado Comum do Sul e a Comunidade Andina de Nações) (CERRI; AMEZOLA, 2007, p. 39). Inicialmente, como projeto piloto, ele foi testado em escolas brasileiras e argentinas no ano de 2007, alcançando aplicação ampla no ano de 2012 e 2013².

Youth and History também vem colaborando no cenário latino – após os acontecimentos das ditaduras civil-militares na América do sul, período de início de reelaboração das bases curriculares para o ensino da história (NADAI, 1993) – ao ser um exemplo de apreensão da consciência histórica via análise quantitativa, cujas questões foram formuladas com base na escala Likert³, e como, também, possibilidade metodológica para as pesquisas que se propõem no âmbito das comparações interculturais. No Brasil, recentemente, encontrou respaldo num conjunto de discussões que já vinham acontecendo no interior da teoria e didática da história, desde, aproximadamente, 2001, com a inserção das contribuições do filósofo e historiador Jörn Rüsen (BAROM, 2014). Para além de uma preocupação com os métodos de ensino, ou com a

² Atualmente, discute-se a possibilidade de uma nova e adaptada aplicação para o ano de 2018.

³ Método desenvolvido por Rensis Likert (1903 – 1981), professor de sociologia, psicologia e diretor do Instituto de Pesquisas Sociais de Michigan. A escala Likert foi apresentada à comunidade científica na publicação “A Technique for the Measurement of Attitudes” (VIERIA; DALMORO, 2008).



arte de ensinar, as pesquisas que versam sobre o ensino da história vem se preocupando com a natureza do pensamento histórico, sua relação com a sociedade como um todo e a consideração das ideias dos alunos em meio a uma cultura histórica.

Esta, uma concepção herdada das discussões acadêmicas alemãs da década de 1980, amplia o entendimento da área da Didática, para além das relações de ensino e aprendizagem que ocorrem no interior das salas de aula, em direção a consideração da influência dos meios midiáticos, das relações político-culturais, das tradições e memórias coletivas sobre as ideias e quadros interpretativos dos alunos⁴. Neste sentido, tanto Youth and History como Jovens e a História no Mercosul enriquecem o debate sobre a didática da história ao propiciarem diagnósticos, fotografias datadas temporalmente das ideias dos alunos em suas relações com a cultura.

Estes dois projetos não têm a intenção de explicar como se fabricam as ideias no interior da sociedade, sua materialidade. Mas antes, tomam a sociedade como palco de múltiplos discursos sobre a história, sobre o passado, sendo a modalidade científica um discurso a mais

⁴ Essa preocupação com as ideias e representações dos jovens no contexto europeu, como também com os dados da cultura histórica, data do final da década de 1980, segundo assinala Borries (1993). Este foi um período em que uma geração – Klaus Bergmann, Jörn Rüsen, Bernd Schönemann e Hans-Jürgen Pandel – buscou na sociedade os fundamentos do pensamento histórico científico, numa retomada da relação entre o senso comum e a ciência, na intenção de recuperar a função de orientação do conhecimento histórico científico para a vida prática. Estes esforços, do qual participam Magne Angvik e Bodo von Borries com seu projeto, relocam o conceito de didática da história da área da Educação para a área da Ciência da História. De criação e recriação de conhecimentos, o conceito didática, *Unterrichtsmethoden* – como coleção de métodos – ou *Lehrkunst* – como arte de ensinar – tem sua definição ampliada no conceito *Geschichtsdidaktik* (CARDOSO, 2008, p. 157). De modo breve, podemos citar outros três projetos de destaque nas últimas décadas que foram referência no Brasil. Primeiro, o projeto francês de Marc Ferro “Cómo se cuenta la historia a los niños del mundo entero” – um projeto que buscou analisar comparativamente as narrativas de manuais didáticos de Estados Unidos, Austrália, China, Polônia e Espanha, inter-relacionando narrativas, construções de identidades e fortalecimentos de estruturas ideológicas de dominação. Ferro nos indica a necessidade de atentarmos ao fato de os conteúdos didáticos escolares estarem vinculados à visão e interpretação histórica dos grupos sociais que dominam o poder político (LUGO, 2008, p. 50). Um segundo projeto que destacamos é o projeto inglês “Conceitos de História e abordagens de Ensino” (CHATA), organizado por Rosalyn Ashby, Peter Lee e Alaric Dickinson, no ano de 1996. O projeto buscou capturar dados da consciência histórica de 320 alunos de 3º, 6º, 7º e 9º anos, a partir de respostas a questionários e entrevistas, a fim de se desenvolver um estudo sobre a relação desses jovens com a temporalidade, rumo ao desenvolvimento do conceito de *evidência histórica*. Um rico material que possibilitou um conjunto de análises e conclusões que foram publicadas em vários livros, capítulos e artigos (SILVA, 2012, p. 217). O terceiro projeto de grande porte é o projeto português “Consciência histórica – teorias e práticas” (HICON) coordenado pela professora Isabel Barca em 2003. Da mesma forma, utilizando-se do conceito rüseniano de consciência histórica, fazendo ponte com as contribuições de Peter Lee (*conceitos substantivos, conceitos de segunda ordem, literacia histórica*), o projeto buscou comparar países de língua portuguesa, a partir das narrativas históricas apresentadas por alunos do 10º ano de escolaridade (BARCA, 2012, p.41). De modo menos conhecido, mas de significativa e atual importância na Europa, deixamos também indicado o projeto “A favor da Consciência histórica” (*Fuer Geschichtsbewusstsein*) coordenado por Waltraud Schreiber, que conta com a colaboração de Wolfgang Hasberg, Andreas Körber, Michael Erber, Sibylla Leutner-Ramme, Bodo von Borries, Reinhard Krammer, Franz Melichar, Irmgard Plattner, Sylvia Mebus, Barbara Dmytrasz, Barbara Jedliczka, Friedrich Öhl, Guido Havenith, Janos Flodung, Alexandra Binnenkade, Peter Gautschi, Oliver Näpel, Manfred Seidenfuss, ver em: <<http://www1.ku-eichstaett.de/GGF/Didaktik/Projekt/FUER.html>>. Acesso em: 18/01/2017.



nesse conjunto, em relação complementar com o conhecimento do senso comum. E os jovens, em meio a um processo formativo de múltiplas direções, intenções e modalidades, recuperariam informações da cultura como forma de orientação em suas tomadas de decisões. No ambiente escolar, na condição de respondentes ao questionário, apresentariam os dados da cultura interpretados por seus próprios quadros de entendimento. Assim, como resultado, teríamos parte da realidade, os dados da cultura, interpretados pelos sujeitos ao agir, ao se identificar. Numa visão ampla, para o caso sul-americano, este é um diagnóstico de parte da cultura latina, que comporta em si uma pluralidade de microcosmos culturais, que se relacionam num processo mútuo de tradução constante. O projeto colabora nesta retrato que faz das múltiplas culturas históricas, em meio das quais emergem os pensamentos dos jovens sobre democracia, nacionalidade, estado, meio ambiente, etc.

Desta forma, Magne Angvik e Bodo von Borries e sua equipe, ou Luis Fernando Cerri – que reformulou o projeto com a participação do grupo GEDHI e parceiros –, interpretaram a realidade, à luz de suas teorias, e propuseram às questões, como alternativas, desde expressões literais do senso comum, até afirmações que refletem as preocupações mais contemporâneas da teoria multicultural. Essas alternativas vão do respeito ao próximo à intolerância, da coletividade à individualidade, da participação política ao isolamento, da solidariedade à indiferença e do nacionalismo ufanista ao projeto de integração para além ou com as nacionalidades. Neste sentido, podemos sugerir que Jovens e a História, assim como o Youth and History, tem uma significativa importância ao dar visibilidade às possíveis relações cotidianas que estão imersas nas relações políticas de integração nacional. Visualiza o micro no interior do macro, o indivíduo em sociedade.

Esta articulação idealizada pelo projeto, entre sujeito e estrutura, o que desmonta a polarização existente a partir de uma proposição horizontal – a estrutura pelo sujeito –, justifica-se, teoricamente, a partir dos conceitos de *consciência histórica*, *cultura política* e *cultura histórica* que fundamentaram tanto o projeto, na sua versão original, como as interpretações que vêm sendo feitas de seus dados – onde nos inserimos.

Por *consciência histórica*, a formulação do projeto se fundamentou na definição de Rüsen, que podemos complementar com a descrição de Magne Angvik e Bodo von Borries,

[...] quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (Rüsen, 2001, p. 57).

“el grado de conciencia de la relación entre el pasado, el presente y el futuro” (ANGVIK; BORRIES, 1997. p. 403).



Desse modo, na interpretação que fez o texto *El estudio empírico de la conciencia histórica en jóvenes de Brasil, Argentina y Uruguay* (CERRI, AMEZOLA, 2010, p. 7), a *consciência histórica* vem sendo entendida como o conjunto de estruturas e processos mentais típicos do pensamento humano, de qualquer ser humano, necessários para a vida cotidiana, independentes do contexto. Assim, o que se esperou captar através do questionário foram os indícios dessa estrutura, o funcionamento destes processos em cada jovem, o modo como recuperam o passado no entendimento do presente.

Considera-se, então, uma estrutura interna ao sujeito que mobiliza os dados da memória, oriundos da experiência, para interpretar a realidade. Estes dados provêm da cultura, do passado presente no presente e que aqui se relaciona internamente com o conceito de *cultura política*. No primeiro texto publicado, que versou sobre os dados do projeto (CERRI; AMEZOLA, 2007, p. 47), apoiando-se nas contribuições de Fábio López de la Roche, o conceito de *cultura política* foi apresentado como vantajoso aos estudos interculturais por possibilitar uma estruturalidade, uma forma sistêmica de analisar os

[padrões] de actitudes individuales y de orientación con respecto a la política para los miembros de un sistema político. Es el aspecto subjetivo que subyace en la acción política y le otorga significados. Tales orientaciones individuales incluyen diversos componentes: a) orientaciones cognitivas, conocimiento preciso —o no— de los objetos políticos y de las creencias; b) orientaciones afectivas, sentimientos de apego, compromisos, rechazos y otros similares respecto de los objetos políticos, y c) orientaciones evaluativas, juicios y opiniones sobre los aspectos políticos que, por lo general, suponen la aplicación de determinados criterios de evaluación a los objetos y acontecimientos políticos. (ALMOND; POWELL, 1972, p. 50 apud: ROCHE, 2001, p. 38).

Já no texto *Jovens diante da História: o nacional e o internacional na América Latina*, de Luis Fernando Cerri e Jonathan de Oliveira Molar, de 2010, essa conceituação veio complementada com as contribuições de José Álvaro Moisés:

a generalização de um conjunto de valores, orientações e atitudes políticas entre os diferentes segmentos em que se divide o mercado político e resulta tanto dos processos de socialização, como da experiência política concreta dos membros da comunidade política” (MOISÉS, 1992, p. 7 apud: CERRI; MOLAR, 2010, p. 162).

Texto que também propôs o engate entre os conceitos de *cultura política* e *cultura histórica*, relacionando a presença do passado no presente aos possíveis padrões de orientação política – atitudes individuais que dizem respeito ao sistema político, à vida pública, ao exercício da cidadania (CERRI; MOLAR, 2010, p. 162). Por *cultura histórica*, se entendeu o campo das “imagens históricas” que estão presentes no cotidiano das pessoas (RÜSEN, 1994, p. 2), o passado presente como forma de orientação.



Assim, nesta aproximação – a qual concordamos – há uma articulação explícita entre os “padrões de construção das decisões que afetam a coletividade” (DUARTE; CERRI, 2012, p. 237) e a presença do passado como orientação da vida prática e das decisões políticas. Aqui, convém recuperarmos a citação emblemática do professor Dr. Marcello Baquero, que, em certa medida, justifica esta aproximação realizada entre os conceitos:

Tais pesquisas constataram que o legado histórico tem uma influência fundamental na compreensão das razões que levaram ao surgimento e manutenção de uma cultura política fragmentada e silenciosa no Brasil. Como consequência, estabeleceu-se a importância de reconhecer as singularidades de sua cultura com vistas a buscar respostas eficientes aos seus problemas. (BAQUERO, 2003, p. 91 apud: FERREIRA; PACIEVITCH; CERRI, 2010, p. 4).

Desse modo, entendeu-se que há uma *cultura histórica*, estruturada em discursos, memórias e objetos, na qual o passado se mantém vivo e atuante como referência para os comportamentos políticos dos jovens no presente, e que colabora na manutenção de padrões de comportamentos dos indivíduos. Ou ainda, nas palavras do professor Luis Fernando Cerri, num texto mais recente (*Heróis nacionais segundo estudantes brasileiros: a longa influência do curto século XX*) a *cultura histórica* como um “conjunto organizado de referenciais imagéticos, ideias, valores, conhecimentos e atitudes que são a expressão visível e viva da consciência histórica” (CERRI, 2015, p. 1).

Exatamente pela consideração da *cultura histórica* é que as conclusões de nossa pesquisa não se apresentam como atemporais e generalizantes. São marcadas pelo tempo e pelo espaço, não abrindo margem para vulgarizações. Este apontamento é importante na medida em que nos sugere a possibilidade de a cultura histórica não ser unívoca ou homogênea, estando sujeita a contra-hegemonias, permitindo a existência de nichos de consciência histórica ou consciências históricas desviantes num mesmo local. De antemão, se o passado colabora no entendimento do presente, é considerável a negação de uma generalidade entre culturas diferentes, com passados diferentes. Além do mais, pelas próprias dificuldades inerentes ao processo de aplicação dos questionários, uma vez que não foi uma aplicação uniforme – nos mesmos tipos de escolas em todas as cidades, ou na mesma proporção de cidades em todos os países –, dadas as condições materiais de sua aplicação, fica, então, demarcado aqui o alcance das conclusões que se enunciam.

As questões do projeto Jovens e a História, amostra, variáveis e a metodologia de análise

Como nos indicou o texto *Politização e consciência histórica em jovens brasileiros, argentinos e uruguaios* (DUARTE; CERRI, 2012, p. 233), o projeto Jovens e a História realizou



algumas adaptações no questionário original de Youth and History, ao transpor para o caso latino. Foram inseridas questões sobre os acontecimentos das ditaduras militares, o papel das mulheres na sociedade e as representações culturais dos heróis nacionais (canônicos e subversivos). Dentre as demais temáticas do questionário, podemos apontar: o significado e o objetivo da história; formas da história no cotidiano; confiabilidade nos dados da cultura histórica; metodologia do ensino da história; interesse e participação na política; relação e influência do passado sobre o presente e do presente sobre o futuro; interesse por temáticas da história e relação com a vida prática (história do cotidiano, cultura indígena, colonização, imigração, formação das nações, independência, ditaduras militares, meio ambiente, Idade Média, Revolução Industrial, Nazismo); teleologia da história; projeção de futuro para a coletividade e para a individualidade; desigualdade social; formas de utilização do passado como referência ao presente; a construção da história; conceituação de nação e democracia; temas polêmicos da atualidade (homossexualidade, conflitos religiosos, meio ambiente, distribuição de terras, intervenção do Estado na economia); integração cultural, política e comercial da América Latina; funções e utilização da internet em casa e em ambiente escolar; dados socioculturais do aluno (religião, ocupação profissional da maior renda familiar, disponibilidade de livros em casa, grau de escolaridade dos pais).

Como se pode perceber, o resultado desta adaptação foi um questionário amplo que vem possibilitando aos pesquisadores uma caracterização inédita do jovem estudante latino-americano, a partir de sua relação com a temporalidade.

O questionário totalizou 43 questões e foi aplicado durante o período de duas aulas consecutivas para alunos de 15 e 16 anos⁵.

Na amostra, buscou-se contemplar sete perfis de escolas por cidade: pública de excelência, pública central, pública rural, pública de periferia, privada laica empresarial, privada laica comunitária/alternativa e privada confessional.

O número total de questionários coletados foi de 3913 de alunos e 267 de professores, recolhidos em cinco países (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai). No Brasil – amostra

⁵ Estes questionários foram aplicados aos jovens na forma impressa e depois armazenados virtualmente para análise a partir de software específico. O software que utilizamos é o GNU PSPP, versão 0.7.8. Em seu site oficial, temos a seguinte definição: “O PSPP é um software para análises estatísticas sobre matrizes de dados. Seu uso permite gerar relatórios tabulados, normalmente utilizados na realização de análises descritivas e inferências a respeito de correlações entre variáveis. Ele é capaz de fazer análises descritivas, testes T, regressão linear e testes não paramétricos. Sua base foi desenhada para realizar estas análises o mais rápido possível, independente do número de entradas. Além disso, ele é um substituto gratuito para o SPSS e se assemelha muito a este, com algumas poucas exceções”, disponível em: <<http://pspp.verkn.com.br/>>. Acesso em: 06/09/2016.



específica de nossa pesquisa e escolhemos somente os questionários dos alunos –, este número ficou em 2420 distribuídos em vinte e duas cidades⁶.

Destas 43 questões do instrumento – que foram aplicadas aos jovens na forma impressa e depois armazenadas virtualmente para análise via software específico⁷ –, a nossa pesquisa selecionou seis questões que se relacionavam direta ou indiretamente ao sentimento de pertencimento latino-americano. As temáticas destas questões podem ser aqui distribuídas nos seguintes tópicos: a) o interesse dos jovens pela história de países da América Latina; b) a importância que os jovens atribuem a temas como origem étnica e solidariedade; c) as ideias dos jovens sobre nação e soberania nacional; d) a importância que os jovens atribuem a temas relacionados à integração da América do Sul; e e) os posicionamentos dos jovens sobre a integração econômica e a unificação da América do Sul.

Na intenção de colaborar com as pesquisas anteriores e ampliar as possibilidades de análises, escolhemos interpretar os dados do projeto a partir de três variáveis: localização geográfica, aspectos socioeconômicos e tipos de cidades.

Para a variável “localização geográfica”, as cidades do projeto foram divididas em três grandes regiões: fronteira, central e litoral. Aglutinamos as cidades conforme suas proximidades geográficas com a fronteira brasileira, em relação aos países da América do Sul (duas cidades) e com o litoral atlântico (quatro cidades). Entendemos que estas duas regiões construíram relações variadas com o estrangeiro ao longo da história. Definimos como “centro” as cidades localizadas na região mediana do Brasil, mais ou menos equidistante da fronteira e do litoral. De nossa amostra, selecionamos sete cidades aleatoriamente⁸.

⁶ Região / cidades / questionários: *Região Norte*: Araguaína, TO (53); Parintins, AM (87). *Região Nordeste*: Aracaju, SE (116); Teixeira de Freitas, BA (42). *Região Centro-Oeste*: Cáceres, MT (151), Cuiabá, MT (135), Rondonópolis, MT (163); Dourados, MS (106), Três Lagoas, MS (69); Iporá, GO (61); Brasília, DF (98). *Região Sudeste*: Itararé, SP (128), São José dos Campos, SP (142); Belo Horizonte, MG (93), Ituiutaba, MG (136), Uberlândia, MG (150). *Região Sul*: Curitiba, PR (139), Ponta Grossa, PR (133), Curiúva, PR (26); Florianópolis, SC (142); Passo Fundo, RS (95), Porto Alegre, RS (155). A amostra brasileira se refere a 2420 questionários. Em alguns momentos de nossa análise nos referiremos a outros valores aproximados, sugerindo ser a totalidade da amostra. Isso se deve aos erros de preenchimento, por parte dos jovens, e a alguns problemas de leitura, por parte do software. Assim, indicamos aqui que a amostra pode variar sensivelmente de uma questão para outra ou de uma alternativa para outra.

⁷ O software utilizado para a análise dos dados é o GNU PSPP, versão 0.7.8. Em seu site oficial, temos a seguinte definição: “O PSPP é um software para análises estatísticas sobre matrizes de dados. Seu uso permite gerar relatórios tabulados, normalmente utilizados na realização de análises descritivas e inferências a respeito de correlações entre variáveis. Ele é capaz de fazer análises descritivas, testes T, regressão linear e testes não paramétricos. Sua base foi desenhada para realizar estas análises o mais rápido possível, independente do número de entradas. Além disso, ele é um substituto gratuito para o SPSS e se assemelha muito a este, com algumas poucas exceções”, disponível em: <<http://pspp.verkn.com.br/>>. Acesso em: 06/09/2016.

⁸ Cidades por região: Fronteira (Dourados, MS; Cáceres, MT), Centro (Passo Fundo, RS; Ponta Grossa, PR; Curiúva, PR; Três Lagoas, MS; Ituiutaba, MG; Iporá, GO; Araguaína, TO) e Litoral (Aracaju, SE; Florianópolis, SC; Porto Alegre, RS; Teixeira de Freitas, BA).



Para a variável “aspectos socioeconômicos”, escolhemos relacionar a condição econômica das famílias dos jovens ao tipo de escola que frequentavam. Deste modo, isolamos as cidades que conseguiram coletar ao mesmo tempo os dados de escolas “pública de periferia” e “privada laica empresarial”. Assim, para esta variável, a amostra se reduziu a doze cidades⁹.

Quanto à variável “tipos de cidades”, os dados foram divididos em cinco grupos tomando como critério a relação que estabelece a cidade com a localidade, a regionalidade e a nacionalidade. Organizamos as vinte e duas cidades de nossa amostra conforme a divisão estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mapeia o número de relações que a cidade estabelece de bens e serviço segundo sua extensão territorial e número de habitantes. Esta divisão hierarquiza a rede urbana brasileira, demonstrando as relações de interdependência entre as cidades, que se manifestam através de fluxos migratórios, de produtos, de ideias e de culturas, no âmbito local, regional, nacional e internacional¹⁰. Assim, para esta variável, dividimos as cidades nos seguintes grupos: metrópoles, capitais regionais, capitais sub-regionais, centros de zonas e centros locais. Em certa medida, esta organização das cidades a partir de suas relações colaborou na consideração da globalização como um fenômeno não totalizante, mas que incide de forma variada num mesmo país, região ou cidade. A partir desta malha urbana sugerida pelo IBGE, podemos inferir quais as cidades com maior potencialidade de relações com o estrangeiro, com os produtos e as ideias, numa graduação que varia do provincianismo ao cosmopolitismo.

Quanto à forma de análise, tomamos os dados do software de duas maneiras: enquanto médias gerais (nacionais¹¹ e locais) e enquanto dados de frequência (em alguns momentos convertidos em porcentagem). Com relação à primeira opção, o software gerou uma média para cada alternativa, questão inteira ou cruzamento de questões. Esta média resultou da somatória e divisão das assinalações dos jovens que avaliaram cada alternativa segundo a graduação/valorização da Escala Likert: nenhum interesse (-2), pouco interesse (-1), médio

⁹ Curitiba, PR; Florianópolis, SC; Dourados, MS; Itararé, SP; Passo Fundo, RS; Porto Alegre, RS; Belo Horizonte, MG; Cáceres, MT; Cuiabá, MT; Rondonópolis, MT; Ituiutaba, MG; Uberlândia, MG.

¹⁰ Esta divisão resulta de estudos comparativos que ocorreram em 1966, 1978, 1993 e atualizados em 2007 pelo IBGE. “Na atualização realizada em 2007, objeto desta publicação, buscou-se definir a hierarquia dos centros urbanos e delimitar as regiões de influência a eles associadas a partir dos aspectos de gestão federal e empresarial e da dotação de equipamentos e serviços, de modo a identificar os pontos do território a partir dos quais são emitidas decisões e é exercido o comando em uma rede de cidades. Para tal, foram utilizados dados de pesquisa específica e, secundariamente, dados de outros levantamentos também efetuados pelo IBGE, bem como registros provenientes de órgãos públicos e de empresas privadas”. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf>. Acesso em: 07/09/2016.

¹¹ Para a escrita da tese, e do presente artigo, entendemos como média nacional a média que decorre da totalidade de nossa amostra: as vinte e duas cidades analisadas, 2420 questionários.



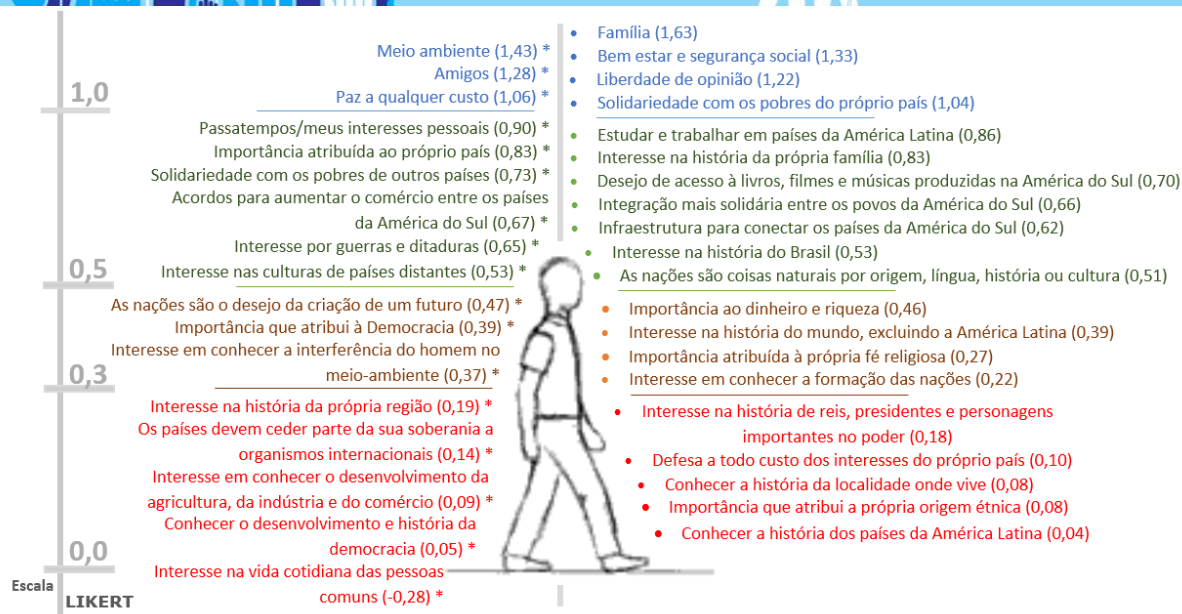
interesse (0), grande interesse (1), interesse total (2). Quanto à segunda forma, ainda nos apoiando no software, recorremos também aos números de assinalações (frequência), por questões e alternativas, conforme a variável desejada, o que nos permitiu trabalhar com os próprios números ou com suas conversões em porcentagens. Com esta visualização da frequência, onde observamos isoladamente as graduações “nenhum”, “pouco”, “médio”, “grande” e “total interesse”, também criamos duas categorias sintéticas: baixo interesse (que resultou da somatória “nenhum” mais “pouco interesse”) e alto interesse (que resultou da somatória “grande” e “total interesse”). Utilizamos estas duas graduações quando julgamos necessário refletir desconsiderando as médias “neutras” (“médio interesse”) e, assim, interpretar a partir dos binômios interesse x desinteresse ou alta importância x baixa importância.

Resultados

Médias gerais e primeiras impressões

Na imagem abaixo, listamos as principais alternativas das cinco questões que escolhemos analisar do questionário do projeto Jovens e a História (18, 25, 36, 40, 41). Ranqueamos suas respectivas médias gerais, que resultaram da totalidade da amostra.

Figura 1: Perfil geral dos jovens da amostra: as médias gerais das questões 17, 18, 25, 36 e 40



Fonte: O Autor (2017)¹².

A partir destas médias, convém apontarmos que o sentimento de pertencimento se manifestou de maneira mais complexa do que a rápida constatação de presença ou ausência. Os dados não apontaram para uma essência latina, desejo que ainda permanece em muitos dos estudos recentes que versam sobre o assunto, demonstrando se tratar mais de uma “comunidade imaginária” – de modo aproximado a Benedict Anderson (2008) –, implicando relações políticas e de poder, do que, por exemplo, a rigidez cultural de Samuel Huntington (1997) em sua divisão sólida das civilizações. Assim, os dados indicaram que não nos convém refletir sobre o pertencimento dos jovens de nossa amostra como vinculado a uma “área cultural” (localização geográfica que articula de maneira sólida cultura e identidade, com limites e fronteiras rígidas¹³), mas sim como o resultado de um conjunto de ideias que configuram uma coletividade imaginada (memórias organizadas e selecionadas, e que não estão livres de contradições).

Inicialmente, podemos interpretar os dados da imagem acima como a presença de um certo patriotismo que precede, em alguns pontos, e que coexiste, em outros, com o entendimento e a aceitação dos jovens com relação aos processos de integração na região. Aparentemente, uma significativa importância foi atribuída ao próprio país e, ao mesmo tempo, houve uma recusa considerável a modelos de integração que signifiquem a diminuição da soberania

¹² A Imagem do homem andando foi extraída do site <<https://www.colourbox.com/preview/8887548-phases-of-step-movements-man-in-walking-sequence-for-game-animation-on-white.jpg>>. Acesso em: 08/02/2016.

¹³ Referimo-nos à divisão das civilizações de Huntington (1997, p. 26): civilização sínica, nipônica, hindu, budista, islâmica, ocidental, latino-americana, ortodoxa e subsaariana.



nacional (ONU e Mercosul). Tem-se – podemos inferir a partir da aproximação dos dados – uma manifestação possível de um desejo de que o país seja protegido nacionalmente, de tal forma que as garantias sociais e individuais (paz, liberdade e bem estar) não sejam ameaçadas por organismos internacionais. Talvez os jovens estejam relacionando a imagem do estrangeiro a alguma ideia de perigo e ameaça política à autonomia do Estado brasileiro.

Contudo, este sentimento nacionalista pode ser bastante relativizado, pois ele não se traduziu substancialmente no interesse dos jovens pela história do país, do desenvolvimento das nações, da democracia, ou no conhecimento da própria região, da localidade onde vive e da história das pessoas comuns. Inclusive, os jovens indicaram não ser de grande importância a “defesa a todo custo” dos interesses do país, o que os afasta sensivelmente de um nacionalismo exacerbado, ou de indícios de fascismo. Podemos indicar, aparentemente, ser este um patriotismo com um baixo adensamento de conteúdos e experiências sobre as histórias locais e regionais (a partir das atribuições de importância/interesse que refletiram nas médias).

De um modo geral, os dados indicaram um baixo interesse no conhecimento da história dos países da América Latina e da sua própria origem étnica, elementos fundamentais que compõem o sentimento de pertencimento latino-americano, segundo os discursos integracionistas do Mercosul Educacional e UNASUL. Por mais que se sentiram ameaçados no contato com os organismos internacionais (ONU e Mercosul), apoiaram o fluxo de produtos, trabalho e estudo na região, a unificação da moeda e a construção de infraestruturas que beneficiem a integração comercial entre os países. Assim, a partir destes dados iniciais, provenientes apenas das médias gerais, talvez seja um exagero falar em um sentimento de pertencimento dos jovens brasileiros à América Latina. O que houve foi algo que se aproximou mais de um sentimento de aproveitamento dos possíveis benefícios que a integração possa trazer, no campo ideológico, do que propriamente uma escolha intencional de identificação com a cultura, história, condição social e memórias compartilhadas.

Contudo, convém avaliarmos estes posicionamentos não apenas como reflexo da aversão ao estrangeiro, típico das zonas de fronteira, mas também do medo à mudança. Segundo a teoria rüseniana, existe uma relação entre o entendimento processual da história e as identidades que promovem e aceitam as mudanças como algo positivo. Se os dados indicaram a ausência de interesse no conhecimento da história e cultura da região, e se estes dados coincidirem, de fato, com o desconhecimento dos jovens sobre a região (informação que nos escapa, dados os objetivos do questionário), existiriam poucos marcos referenciais que poderiam gerar reconhecimento e sentimento de pertencimento nos jovens. Diante de um



modelo possivelmente estático da história, como modo operante da consciência no entendimento da realidade, a mudança poderia ser interpretada como um problema, ao desestabilizar os marcos de identificação considerados tradicionais (a exemplo do país/nacionalidade).

Todavia, como podemos perceber na imagem acima, a própria identificação com o país também se demonstrou fragilizada. Seguindo a lógica de que a manifestação de interesse tem a ver, em alguma medida, com o conhecido ou com o desejo/interesse em conhecer, podemos apontar que a identificação dos jovens de nossa amostra com a nação se deu na medida limite entre o interesse médio e o início do interesse, segundo a graduação da escala Likert. Identificações mais sólidas apenas se manifestaram no âmbito familiar, no círculo próximo de amigos e na defesa dos interesses próprios.

Estas foram algumas das conclusões iniciais que extraímos da observação e análise das médias gerais. Contudo, alguns destes apontamentos merecem atenção pois seus dados de frequência indicaram outras possibilidades de interpretação, como segue detalhado abaixo.

O interesse dos jovens pela história de países da América Latina

A questão 18 do projeto Jovens e a História tinha o seguinte enunciado: “Qual seu interesse sobre a história dos seguintes lugares?”. E a “d” desta questão era “outros países da América Latina”. De igual modo que a anterior, para cada uma das alternativas, o jovem podia assinalar entre nenhum, pouco, médio, grande e total interesse.

Segue abaixo a tabela com a síntese dos dados.

Tabela 1: Questão 18: Qual seu interesse sobre a história dos seguintes lugares?

Alternativas		Média Geral	Localização Geográfica		Aspectos Socioeconômicos		Tipos de Cidades	
18a.	<i>A história da localidade onde vivo</i>	0,08	Fro.	-0,01	Pub.Per.	0,07	Metr.	0,08
			Cen.	-0,07	Priv.Lai.Emp.	-0,05	Cap.Reg.	0,01
			Lit.	-0,08			Cen.Sub.Reg.	0,16
							Cen.Zon.	0,05
							Cen.Loc.	0,50
18b.	<i>A história da minha região</i>	0,19	Fro.	0,15	Pub.Per.	0,18	Metr.	0,17
			Cen.	0,23	Priv.Lai.Emp.	0,05	Cap.Reg.	0,12
			Lit.	0,17			Cen.Sub.Reg.	0,31
							Cen.Zon.	0,11
							Cen.Loc.	0,92
18c.	<i>A história do Brasil</i>	0,53	Fro.	0,54	Pub.Per.	0,52	Metr.	0,42
			Cen.	0,49	Priv.Lai.Emp.	0,56	Cap.Reg.	0,47
			Lit.	0,47			Cen.Sub.Reg.	0,69
							Cen.Zon.	0,44
							Cen.Loc.	1,23



18d.	<i>Outros países da América Latina</i>	0,04	Fro.	0,04	Pub.Per.	-0,01	Metr.	0,06
			Cen.	0,01	Priv.Lai.Emp.	0,12	Cap.Reg.	-0,03
			Lit.	0,06			Cen.Sub.Reg.	0,14
							Cen.Zon.	-0,03
						Cen.Loc.	0,19	
18e.	<i>A história do mundo, excluindo a América Latina</i>	0,39	Fro.	0,36	Pub.Per.	0,15	Metr.	0,44
			Cen.	0,33	Priv.Lai.Emp.	0,64	Cap.Reg.	0,41
			Lit.	0,48			Cen.Sub.Reg.	0,40
							Cen.Zon.	0,26
							Cen.Loc.	0,23

Fonte: O Autor (2016). Projeto Jovens e a História – Adaptado de Software GNU PSPP.

Conforme as médias gerais, podemos inicialmente indicar a prevalência de médias próximas a zero. Das cinco alternativas, quatro se apresentaram como “médio interesse”, incidência que pode ser interpretada como indícios de neutralidade (MOLAR; CERRI, 2014, p. 72) ou como indicativos de baixo conhecimento histórico sobre o assunto (CERRI; MOLAR, 2010, p. 170). Apenas a alternativa “c”, “A história do Brasil”, apresentou média acima de 0,5. Organizando estes dados em gradação podemos indicar a preferência dos jovens, primeiramente, pelo estudo da história do Brasil, depois, da história do mundo, da história da própria região (esta alternativa não deixou claro aos jovens o conceito de “região”, deixando a cargo de suas interpretações pessoais), da localidade onde vive e, por último, da história de países da América Latina.

Como a alternativa “a vida cotidiana de pessoas comuns” (-0,28), da questão 17 (que aqui escolhemos suprimir sua análise), na alternativa “a história da localidade onde vivo” os jovens repetiram o baixo interesse, chegando a 30% o índice dos jovens (715/2378) que assinalaram “nenhum interesse” ou “pouco interesse”. Esta é uma informação curiosa, justamente porque se contrapõe, em certa medida, às atuais teorias que versam sobre o ensino e a aprendizagem histórica, que apontam para a necessidade da significância histórica, da valorização da história local, da relação com o cotidiano e com os patrimônios históricos dispostos no bairro, etc. Neste sentido, pode haver um certo descompasso entre o desinteresse apontado pelos jovens e a forma como melhor aprenderiam a história – como perspectiva metodológica e abordagem teórica de ensino – de modo a orientar para a vida. Ou então, sendo este um dado que ainda precisa ser considerado, a manifestação de interesse – o ato de se posicionar em sentido de concordância com a narrativa – vincula-se tanto com a curiosidade pelo desconhecido, quanto com o desejo pelo conhecido, num sentido de reforço prazeroso e vontade de ir além e conhecer mais (segundo Rüsen, buscar na realidade confirmações para os dados da memória individual, social e cultural). Assim, no interior da cultura histórica brasileira, convém indicarmos que a tradição curricular escolar eurocêntrica e de viés



nacionalista em alguma medida deve refletir em alguma medida em nossos resultados (BITTENCOURT, 2005; CONCEIÇÃO; ZAMBONI, 2013).

A este respeito, retornando à pesquisa da professora Dra. Maria Paula Gonzáles (2010), o desconhecimento dos jovens com relação à história dos países vizinhos pode ter relação com as opções nacionalistas dos respectivos currículos escolares:

resulta de especial interés señalar aquí – tratándose de una encuesta a docentes de distintos países latino-americanos – la supuesta falta de comprensión de los estudiantes sobre la historia de otros países de América latina. Nuevamente, tal valoración parece dar cuenta de los límites curriculares y de los puntos ciegos de la formación y prácticas docentes que de un problema de comprensión de los alumnos. En efecto, una indagación sobre las representaciones de un conjunto de capacitadores docentes sobre el proceso de integración regional y sus consecuencias para la enseñanza de la Historia y la Geografía (Denkberg & Fernandez Caso, 2004) señaló que el Estado nacional y la nación seguían siendo las referencias centrales de los diseños curriculares y las prácticas docentes. Asimismo, señalaba que varios capacitadores docentes manifestaban su preocupación por la persistencia de miradas nacionalistas cerradas e incluso prejuiciosas respecto de países vecinos y declaraban la necesidad de orientar la educación en general –y la enseñanza y la capacitación del área de ciencias sociales en particular– hacia propuestas valorizadoras de la diversidad cultural y de la unidad latinoamericana. (GONZÁLES, 2010, p. 09).

Neste sentido, entendendo a formação escolar como parte constituinte e como reflexo da cultura, convém compreendermos que os dados do projeto podem indicar ao mesmo tempo um substrato de informações e memórias locais que se mesclam com as lembranças e saberes oriundos dos processos de formação escolar institucional. Recuperando Rüsen, os posicionamentos políticos dos jovens resultaram da mistura entre ciência e senso comum, de seus processos cotidianos de formação (RÜSEN, 2007a, p.96). Ou de modo ainda mais complexo, segundo o antropólogo Joël Candau, estes posicionamentos podem resultar das memórias que são compartilhadas numa mesma sociedade (incluindo aí também o currículo escolar, no mesmo sentido do conceito “enquadramento da memória” de Michael Pollak),

A partir dessa aprendizagem – adaptação do presente ao futuro organizada a partir de uma reiteração do passado – , esse homem [os jovens de nossa amostra] vai construir sua identidade, em particular em sua dimensão protomemorial. Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida várias vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. (CANDAU, 2012, p. 106).

Deste modo, percebemos que a história do Brasil apresentou maior média geral do que a história do mundo, respectivamente, 0,53 e 0,39. Apresentou também maior frequência de interesse (“grande” + “total interesse”), 53,7% contra 49%, e significativamente menor índice



de desinteresse (“nenhum” + “pouco interesse”), 16,6% contra 22,9%. Esta informação é significativa tendo em vista que os produtos da indústria cultural, em sua grande maioria, referem-se basicamente à história do mundo, com significativo destaque para a imensa gama de jogos, filmes e romances sobre as grandes guerras, mitologias, líderes políticos, generais, culturas, história das principais religiões, etc. Além de as editoras reproduzirem esta preferência nas organizações e espaços destinados aos conteúdos da história europeia, em detrimento da história do Brasil, no interior dos manuais didáticos (CARIE, 2008; ESPÍNDOLA, 2003; MARIANO, 2006; MORAES, 2014).

No referido à alternativa “d” (“interesse pela história de países latino-americanos”), de 2352 jovens que atribuíram valor a esta alternativa e que configuram a totalidade de nossa amostra para esta opção, 30,5% (720 jovens) assinalaram “nenhum” ou “pouco interesse”. Na zona intermediária, que se configura como “médio interesse”, temos um total de 35,4% (835 jovens), de modo aproximado. No que diz respeito à somatória de “grande” e “total interesse” temos o índice de 34,2% (807 jovens). Assim, temos índices substanciais e semelhantes de desinteresse, neutralidade e interesse. Estes dados ganham maior clareza quando colocamos ao lado dos resultados referentes à opção “história do Brasil”, com, respectivamente, 16,6% (395 jovens), 29,6% (703 jovens) e 53,7% (1274 jovens). Como podemos observar, diante da opção “história dos países da América Latina” os jovens aumentaram significativamente a manifestação de seus posicionamentos de desinteresse, ao mesmo tempo em que também aumentou – em menor escala – a frequência de neutralidade.

Em alguma medida, no interior da cultura histórica, este resultado pode se relacionar com o que mostra a pesquisa recente do professor Gerson Luiz Buczenko (2014), apresentada no texto *Ensino de História da América e identidade histórica*, que ao refletir sobre a presença da história dos países latino-americanos em manuais didáticos, concluiu pela carência de exposições críticas sobre os contextos sociopolíticos, econômicos e culturais, o que geraria déficits identitários nos estudantes. Em sua análise, identificou que a história da América costuma se apresentar nos manuais didáticos “sem uma contextualização sobre possíveis laços identitários entre os países que compõem o continente americano” (BUCZENKO, 2014, p. 1). Esta é uma análise que indica, particularmente, a possibilidade de os manuais didáticos distorcerem os esforços e aspirações do MERCOSUL Educacional e UNASUL (ou não estarem alinhados às normativas regionais). Ainda a este respeito, a professora Circe Bittencourt (2005), em seu texto *Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades*, também analisando a presença da História da América em manuais, aponta para a história integrada



como um esforço recente de superação destes déficits. Sem as tradicionais divisões História Geral, História do Brasil e História da América, buscam constituir um tempo sincrônico que identifique as relações históricas de sociedades situadas em espaços diversos. Contudo, essa perspectiva também coloca novos problemas para o ensino da História, notadamente no que se refere à definição de conteúdos que favoreçam a construção de um sentimento de pertencimento do Brasil à América Latina (BITTENCOURT, 2005, p. 11). Uma última pesquisa que merece menção é a tese de doutorado *Identidade(s) latino-americana no ensino de história: um estudo em escolas de ensino médio de Belo Horizonte, MG, Brasil*, de Thamar Kalil de Campos Alves, defendida em 2011. Segundo a autora, que realizou uma vasta análise em manuais didáticos, currículos oficiais, práticas de ensino e narrativas de alunos e professores, os alunos demonstram em ambiente escolar alguns conhecimentos e muito interesse em aprender mais sobre a história da América Latina, repousando o problema não nos manuais didáticos, como indicado anteriormente, mas na distância que existe entre os planos de ensino, as práticas docentes e as bases e diretrizes legais.

Retornando a nossa análise, tomando a alternativa a partir das médias das variáveis, curiosamente a região de fronteira não destoou significativamente das demais regiões, como poderíamos supor a partir das discussões presentes na literatura. As três regiões apresentaram médias neutras e muito próximas entre si: fronteira (0,04), centro (0,01) e litoral (0,06).

Esta alternativa parece despertar um pouco mais de interesse nos jovens das escolas privadas laicas empresariais (média 0,12), do que das escolas públicas de periferia (média -0,01). Contudo, esta se configura como uma distância muito pequena, menor do que a manifestada na questão anterior, no que se refere aos aspectos socioeconômicos. Talvez, neste momento, convém mais indicarmos que ambos os tipos de escolas apresentaram médias próximas da neutralidade, do não posicionamento radical, com pequena prevalência do interesse nas escolas privadas.

Quanto aos tipos de cidades, as médias também se apresentaram dentro da graduação “interesse médio”: metrópoles (0,06), capitais regionais (-0,03), centros sub-regionais (0,14), centros de zona (0,03) e centro local (0,19). Curiosamente, a maior média de interesse se referiu à cidade de Curiúva/PR, que se define como um “centro local”, com uma população de aproximadamente 13 mil habitantes e área de atuação restrita aos limites do próprio município¹⁴. Já quanto à segunda média mais alta, referente aos “centros sub-regionais”,

¹⁴ Curiúva, município brasileiro localizado no interior do estado do Paraná, pertence à Mesorregião do Norte Pioneiro Paranaense e à Microrregião de Ibaiti, com 68,77% de seus habitantes vivendo na zona urbana (apesar de



convém indicarmos que quando analisamos isoladamente estas cidades, novamente o critério geográfico se manifestou: dentre as cidades definidas como “centros sub-regionais”, as cidades mais próximas da fronteira apresentaram as médias mais altas, as quais vão diminuindo conforme o distanciamento em direção ao litoral. Cáceres/MT (0,15) e Cuiabá/MT (0,31), cidades próximas à fronteira do Brasil com a Bolívia, impulsionaram a média para cima, enquanto que a média decresceu na região central – Ituiutaba/MG (0,09) –, chegando a ser negativa no litoral – Teixeira de Freitas/BA (-0,11).

O interesse pela cultura de países distantes versus o interesse pela história de países da América Latina

Antes de continuarmos os resultados da investigação, convém aproximarmos duas alternativas presentes na imagem acima, que nos permite identificar a intensidade de jovens que assinalou ao mesmo tempo o interesse no conhecimento da cultura de países distantes e o interesse na história dos países latino-americanos. Segue o cruzamento abaixo.

Tabela 2: Tabela cruzada - 17e. Cultura de países distantes X 18d. Outros países da América Latina

		18d.Outros países da América Latina				
		Nenhum	Pouco	Médio	Grande interesse	Interesse total
17e.Culturas de países distantes	Nenhum	54	26	16	6	0
	Pouco	46	111	89	44	5
	Médio	52	167	302	119	36
	Grande interesse	35	135	287	242	58
	Interesse total	18	61	127	169	116

Fonte: Projeto Jovens e a História – Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2321.

Podemos observar que a maior parte dos jovens se concentrou no entrecruzamento de interesse (grande + total) das duas alternativas. Assim, apesar de haver uma parcela que demonstrou interesse pela cultura, mas baixo interesse pela história dos países latino-americanos (10,21%), ou até mesmo uma parcela que se concentrou no entrecruzamento de

a área se dividir em 2,0859 km² de zona urbana e 574,175 km² de zona rural). Sua ocupação é recente, iniciando-se significativamente em 1947, num processo gradual de ocupação de um território, abrindo caminhos para o interior (na região onde estão localizados os rios Tibagi e Paranapanema), que originariamente pertencia aos índios caingangues, de onde deriva o nome Caetê para a região. Em 2010, segundo os dados do IBGE, 9 573 habitantes viviam na zona urbana e 4 350 na zona rural, estando dividida em 9 309 brancos (66,86%), 630 negros (4,52%), 116 amarelos (0,83%), 3 866 pardos (27,77%) e apenas dois indígenas (0,01%). Apresenta uma economia local, voltada ao agronegócio e prestação de serviços.



interesse “médio” para as duas alternativas (13,01%), a maior parte dos jovens se concentrou no entrecruzamento de “interesse” entre ambas as alternativas (25,20%), demonstrando ao mesmo tempo “grande” ou “total” interesse na história de países latino-americanos e cultura de países distantes. Podemos sugerir, a partir da análise, que estas ideias estão correlacionadas em um parcela significativa da sociedade, podendo ser o estudo da cultura uma porta de entrada para o conhecimento da história dos países da América Latina em ambiente escolar.

A importância que os jovens atribuíram a temas como origem étnica e solidariedade

Solidariedade e origem étnica são dois dos pilares discursivos da UNASUL. O reconhecimento do passado indígena e a solidariedade ao próximo seriam estes dois elementos que compõem a “identidade latina”, tal como postula o Tratado Constitutivo da UNASUL, de 2008.

Do projeto Jovens e a História, a questão 25 colaborou na identificação destes elementos ao perguntar aos jovens a importância que atribuem às suas origens étnicas (alternativa “e”) e à capacidade de solidariedade com os pobres de seu país (alternativa “k”) e de outros países (alternativa “l”). Com o enunciado direto “Que importância tem para você o seguinte”, os jovens avaliaram as opções como nas questões anteriores, segundo a graduação da escala Likert.

Os dados estão sistematizados na tabela abaixo.

Tabela 3: Questão 25: Que importância tem para você o seguinte:

Alternativas		Média Geral	Localização Geográfica		Aspectos Socioeconômicos		Tipos de Cidades	
25a.	<i>Família</i>	1,63	Fro.	1,62	Pub.Per.	1,56	Metr.	1,62
			Cen.	1,64	Priv.Lai.Emp.	1,69	Cap.Reg.	1,69
			Lit.	1,64			Cen.Sub.Reg.	1,57
							Cen.Zon.	1,60
							Cen.Loc.	1,73
25b.	<i>Amigos</i>	1,28	Fro.	1,22	Pub.Per.	1,07	Metr.	1,37
			Cen.	1,27	Priv.Lai.Emp.	1,41	Cap.Reg.	1,33
			Lit.	1,35			Cen.Sub.Reg.	1,14
							Cen.Zon.	1,29
							Cen.Loc.	1,20
25c.	<i>Passatempos/meus interesses pessoais</i>	0,90	Fro.	0,78	Pub.Per.	0,74	Metr.	1,03
			Cen.	0,90	Priv.Lai.Emp.	1,07	Cap.Reg.	0,95
			Lit.	0,96			Cen.Sub.Reg.	0,72
							Cen.Zon.	0,96
							Cen.Loc.	0,81
25d.	<i>O meu país</i>	0,83	Fro.	0,93	Pub.Per.	0,85	Metr.	0,81
			Cen.	0,81	Priv.Lai.Emp.	0,61	Cap.Reg.	0,76
			Lit.	0,68			Cen.Sub.Reg.	0,91
							Cen.Zon.	0,94
							Cen.Loc.	1,00
25e.	<i>A minha origem étnica (africana, europeia, indígena, ou outra)</i>	0,08	Fro.	0,19	Pub.Per.	0,13	Metr.	-0,01
			Cen.	0,14	Priv.Lai.Emp.	-0,14	Cap.Reg.	-0,01
			Lit.	-0,12			Cen.Sub.Reg.	0,20
								0,20



							Cen.Zon.	0,38
							Cen.Loc.	
							Metr.	0,47
25f.	<i>Dinheiro e riqueza que possa adquirir</i>	0,46	Fro.	0,32	Pub.Per.	0,40	Cap.Reg.	0,42
			Cen.	0,51	Priv.Lai.Emp.	0,46	Cen.Sub.Reg.	0,43
			Lit.	0,47			Cen.Zon.	0,68
							Cen.Loc.	0,23
							Metr.	0,15
25g.	<i>A minha fé religiosa</i>	0,27	Fro.	0,44	Pub.Per.	0,48	Cap.Reg.	0,21
			Cen.	0,28	Priv.Lai.Emp.	0,04	Cen.Sub.Reg.	0,41
			Lit.	0,02			Cen.Zon.	0,34
							Cen.Loc.	0,28
							Metr.	0,41
25h.	<i>Democracia</i>	0,39	Fro.	0,35	Pub.Per.	0,03	Cap.Reg.	0,38
			Cen.	0,33	Priv.Lai.Emp.	0,67	Cen.Sub.Reg.	0,38
			Lit.	0,47			Cen.Zon.	0,44
							Cen.Loc.	0,12
							Metr.	1,24
25i.	<i>Liberdade de opinião para todos</i>	1,22	Fro.	1,22	Pub.Per.	0,98	Cap.Reg.	1,26
			Cen.	1,18	Priv.Lai.Emp.	1,31	Cen.Sub.Reg.	1,17
			Lit.	1,26			Cen.Zon.	1,18
							Cen.Loc.	1,19
							Metr.	0,93
25j.	<i>Paz a qualquer custo</i>	1,06	Fro.	1,10	Pub.Per.	1,02	Cap.Reg.	1,07
			Cen.	1,03	Priv.Lai.Emp.	0,87	Cen.Sub.Reg.	1,13
			Lit.	1,05			Cen.Zon.	1,08
							Cen.Loc.	1,35
							Metr.	0,90
25k.	<i>Solidariedade com os pobres do meu país</i>	1,04	Fro.	1,08	Pub.Per.	0,89	Cap.Reg.	1,02
			Cen.	0,94	Priv.Lai.Emp.	0,90	Cen.Sub.Reg.	1,13
			Lit.	1,09			Cen.Zon.	1,06
							Cen.Loc.	1,15
							Metr.	0,63
25l.	<i>Solidariedade com os pobres de outros países</i>	0,73	Fro.	0,79	Pub.Per.	0,66	Cap.Reg.	0,70
			Cen.	0,61	Priv.Lai.Emp.	0,58	Cen.Sub.Reg.	0,85
			Lit.	0,78			Cen.Zon.	0,62
							Cen.Loc.	1,04
							Metr.	1,28
25m.	<i>Bem estar e segurança social</i>	1,33	Fro.	1,37	Pub.Per.	1,17	Cap.Reg.	1,35
			Cen.	1,25	Priv.Lai.Emp.	1,35	Cen.Sub.Reg.	1,36
			Lit.	1,38			Cen.Zon.	1,31
							Cen.Loc.	1,08
							Metr.	1,37
25n.	<i>Proteção do meio ambiente</i>	1,43	Fro.	1,54	Pub.Per.	1,37	Cap.Reg.	1,43
			Cen.	1,34	Priv.Lai.Emp.	1,37	Cen.Sub.Reg.	1,50
			Lit.	1,43			Cen.Zon.	1,33
							Cen.Loc.	1,42

Fonte: O Autor (2016). Projeto Jovens e a História – Adaptado de Software GNU PSPP.

Observando as médias gerais, diferentemente das duas questões anteriores, nesta questão já percebemos a prevalência da graduação “grande interesse” sobre a graduação “interesse médio”, inclusive, com indícios de um interesse “total” como foi o caso da primeira alternativa (“Família”).

Considerando todas estas alternativas, podemos realizar alguns apontamentos sobre as médias e as suas aproximações com a individualidade e o mundo privado dos jovens. Num primeiro momento poderíamos supor haver uma relação direta entre as alternativas que remeteriam à subjetividade/privacidade e um aumento nas médias da escala Likert. Contudo,



quando dividimos as alternativas em três grandes grupos, conforme os graus de proximidade com os jovens, podemos perceber que em algumas alternativas as médias que se referiram à sociedade, à coletividade da qual os jovens fazem parte, foram maiores do que as médias das alternativas relativas ao espaço privado, da individualidade, corroborando a teoria das etapas da convivência social e do aprendizado – formal e/ou informal, como nos indica Estevão Chaves de Rezende Martins (2011, p. 47).

Tabela 4: Relação entre privacidade/subjectividade e média de importância

	Privacidade / Individualidade	A coletividade que afeta/interfere na qualidade da privacidade	O "Outro"
Interesse Total (1,5 – 2,0)	- Família (1,63)		
Grande Interesse (1,0 – 1,5)		- Proteção do meio ambiente (1,43)	
		- Bem-estar e segurança social (1,33)	
	- Amigos (1,28)	- Liberdade de opinião para todos (1,22)	
		- Paz a qualquer custo (1,06)	
		- Solidariedade com os pobres do meu país (1,04)	
Grande Interesse (0,5 – 1,0)	- Passatempos/meus interesses pessoais (0,90)	- O meu país (0,83)	
			- Solidariedade com os pobres de outros países (0,73)
Médio Interesse (0,0 – 0,5)	- Dinheiro e riqueza que possa adquirir (0,46)		
	- A minha fé religiosa (0,27)		
		A minha origem étnica (africana, europeia, indígena, ou outra) (0,08)	

Fonte: O Autor (2016). Escolhemos suprimir a alternativa "Democracia (0,39)" da tabela.

A partir destes dados, talvez convenha refletir sobre o jovem não como aquele que organiza o mundo a partir de uma individualidade extremada, atribuindo importância aos assuntos, indo do mais próximo ao mais distante, mas sim que, talvez, a sua cognição seja portadora de múltiplas dimensões/formas – não hierárquicas – de se relacionar com a realidade (eu, eu na coletividade, o outro). A individualidade (que pode ou não ser extremada) seria parte deste todo que comporta também a preocupação com a coletividade, com o outro. Assim, em certa medida, os dados das médias gerais da tabela possibilitaram um entendimento de que a individualidade não precede necessariamente a coletividade – naquilo que o jovem avalia como importante –, mas que talvez estes espaços coexistam nos jovens como formas de interpretar e se relacionar com o meio social, estando sujeitas às influências dos discursos presentes na



sociedade e seus critérios de moralidade – certo/errado, justo/injusto, bom/mal, importante/desimportante. Deste modo, podemos perceber que ao lado de uma “grande importância” atribuída à amizade (1,28) e aos passatempos/interesses pessoais (0,90), por exemplo, temos índices de importância aproximada, em alguns casos pouco inferiores e em outros pouco superiores, que remeteram ao convívio na coletividade, às relações sociais, à segurança e à proteção da natureza.

Uma questão ainda pendente é se essa predisposição dos jovens em atribuir importância ao coletivo se estende também ao “outro”, ao distante, aos indivíduos que não necessariamente se relacionam ou interferem em suas individualidades/privacidades. Para isto, nossa análise avançou no entendimento dos dados provenientes da alternativa “1”, “solidariedade com os pobres de outros países”.

Diferente das inúmeras alternativas de questões anteriores que apresentaram indícios de neutralidade¹⁵, no que se referiu à solidariedade com a pobreza do país (1,04) e de outros países (0,73) as médias se enquadraram na graduação “grande importância”.

Quando observamos mais detidamente estas altas médias de importância, percebemos que, apesar da problemática ser a mesma – solidariedade com a pobreza –, os dados divergiram sensivelmente quando se tratou da pobreza do “outro”. A polaridade do pensamento – nós/eles, dentro/fora, nacional/estrangeiro –, que de certa forma se relaciona e influencia na forma como os jovens se identificam, parece ter se manifestado em nossos dados. Podemos observar, a partir dos índices de frequência, que, quando se foi da preocupação com o nacional para a preocupação com o internacional, o número de assinalações de “importância” (grande + muito grande) diminuiu (uma diminuição de 259 jovens), enquanto que o número de assinalações que denotou baixa importância (pouca + muito pouca) aumentou (170 jovens). Assim, houve uma diminuição no número de jovens que assinalaram ser importante a questão da pobreza no estrangeiro, ao mesmo tempo em que houve um aumento no número de jovens que assinalaram ser baixa a importância com a questão internacional.

Neste sentido, convém indicar que, quando confrontados com a questão sobre ser solidário com os pobres de outros países, um grupo de jovens deixou de considerar isso importante, migrando para a neutralidade ou assinalando as opções que se referiam à baixa importância.

¹⁵ Numa breve síntese de algumas das médias gerais: 1) interesse pelos temas da história – vida de pessoas comuns (-0,28); Reis, presidentes e personagens politicamente importantes (0,18); A formação das nações (0,22); O desenvolvimento da democracia (0,05); O desenvolvimento da agricultura, indústria e comércio (0,09); 2) interesse sobre a história – da localidade onde vive (0,08); da própria região (0,19); dos países da América Latina (0,04).



Para além desta questão de comparação, talvez o que mais nos chame a atenção, e o que devemos aqui novamente reforçar, foram os altos índices de interesse pela questão, chegando a 74,1% dos jovens para o caso nacional, índice que ainda se manteve alto para o caso internacional, 62,9%.

Utilizando novamente a técnica de tabela cruzada pudemos visualizar quantos foram os jovens que assinalaram ao mesmo tempo a importância de solidariedade com os pobres do país e de outros países.

Tabela 5: Tabela cruzada - 25l.Solidariedade com os pobres de outros países X 25k.Solidariedade com os pobres do meu país

		25l.Solidariedade com os pobres de outros países				
		Muito pouca importância	Pouca importância	Importância média	Grande importância	Importância muito grande
25k.Solidariedade com os pobres do meu país	Muito pouca importância	59	4	2	2	1
	Pouca importância	25	55	17	8	2
	Importância média	27	92	252	35	6
	Grande importância	12	40	181	509	35
	Importância muito grande	10	19	53	183	658

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2287.

No cruzamento entre “grande importância” e “muito grande importância” de ambas as alternativas, se concentrou a maior parte dos casos. Neste sentido, temos um total de 1385 (mil trezentos e oitenta e cinco) jovens que se manifestaram pela importância, contra os jovens que se concentraram no cruzamento exatamente oposto, os quais demonstraram baixo interesse para ambos os casos (muito pouco + pouco), num total de 143 (cento e quarenta e três) jovens.

A partir destes dados, podemos indicar uma tendência: a maioria dos jovens que demonstrou solidariedade com a situação nacional também demonstrou solidariedade com a situação internacional (com uma diminuição sensível, apontada anteriormente). De nossa amostra, apenas 10 jovens assinalaram “importância muito grande” para o caso nacional, e ao mesmo tempo, “muito pouca importância” para o caso internacional. Esta situação de supervalorização do nacional em detrimento total do estrangeiro/outro/internacional parece não ser um padrão quando o assunto foi solidariedade com a pobreza.

Algumas outras informações ainda puderam ser extraídas quando cruzamos novamente a alternativa que se referiu à solidariedade com os pobres de outros países (alternativa 25l) com



a alternativa que se referiu ao interesse dos jovens pela história de outros países da América Latina (alternativa 18d).

Tabela 6: Tabela cruzada – 18d.Interesse na história de outros países da América Latina X 25k.Solidariedade com os pobres de outros países

		25k.Solidariedade com os pobres de outros países				
		Muito pouca importância	Pouca importância	Importância média	Grande importância	Importância muito grande
18d.Outros países da América Latina	Nenhum	35	20	41	44	61
	Pouco	32	70	131	136	115
	Médio	42	74	194	284	219
	Grande interesse	16	34	97	209	215
	Interesse total	7	13	39	66	92

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2286.

Como se percebeu, a partir de nossa amostra, podemos apontar que estas duas ideias estão, em grande medida, relacionadas no interior da sociedade: na medida em que aumentou a importância atribuída à solidariedade, aumentou também o interesse pela América Latina, e, paralelamente, quando aumentou o interesse pela América Latina, aumentou também a importância atribuída à solidariedade com os pobres de outros países.

A decisão de ser solidário tem a ver com pelo menos duas constantes: as memórias históricas que são evocadas pelos jovens e os critérios de moralidade que existem na sociedade. Assim, podemos indicar que este não é um dado imediato, resultante da operação da consciência histórica de rememoração do passado para agir no presente, mas está atravessado por questões emocionais, de interesse e morais; ou, de acordo Bodo Von Borries (2016, p. 25), pode ser motivado ainda por sentimentos vivenciados no passado e impulsos inconscientes. Exemplos empíricos desta relação entre ações, conhecimento histórico e moralidade podem ser encontrados na tese *O peso do passado: Currículos e narrativas no ensino de história das Ditaduras de Segurança Nacional em São Paulo e Buenos Aires* e no texto *Entre muitos 'outros': ensino de história e integração latino-americana*, da pesquisadora Dra. Juliana Pirola da Conceição, ambos publicados em 2015. No mesmo ano de nossa coleta de dados, a pesquisadora buscou investigar a convivência de alunos brasileiros com bolivianos em duas escolas públicas da região central de São Paulo. Uma das questões levantadas pela pesquisadora disse respeito à solidariedade com imigrantes latinos em território nacional, em situação de



irregularidade (fugitivos). Como conclusão, ela percebeu que os jovens que utilizaram a história como referência em seus argumentos apresentaram maior grau de solidariedade. Onde a história não estava presente, imperou os critérios nacionais/locais de moralidade (segundo a autora, em alguns casos, numa moral individualista, com indícios de nacionalismos extremados, aversão aos estrangeiros, completa indiferença, mobilizando tendências a denúncia e desejo de prisão dos fugitivos).

Atentando ainda à solidariedade com o estrangeiro, no que se referiu à consideração das variáveis, no campo da variável geográfica, as regiões da fronteira (0,79) e litoral (0,78) apresentaram médias sensivelmente superiores à região central (0,61). De modo aproximado, a média das escolas públicas de periferia também foi um pouco superior (0,66) à das escolas privadas laicas empresariais (0,58), estando ambas abaixo da média nacional (0,73). De acordo com a escala Likert, todas estas médias estão compreendidas na graduação “grande interesse”. Contudo, é relevante indicarmos, dados os limites da própria questão, que desconhecemos o significado para os jovens do conceito *solidariedade*, que pode variar entre caridade, assistencialismo, empatia, compromisso mútuo, ações de interferência, etc.

Já quanto aos tipos de cidades, as médias apresentaram maior distância entre si: metrópoles (0,63), capitais regionais (0,70), centros sub-regionais (0,85), centros de zona (0,62) e centro local (1,04). Como na questão anterior, na qual analisamos o interesse pela história de países da América Latina, novamente o centro local de Curiúva/PR apresentou a maior média, seguido dos centros sub-regionais de nossa amostra. Contudo, o que diverge da questão anterior é que, quando detalhamos as médias que compuseram as cidades categorizadas como centros sub-regionais, não foi possível evidenciar um critério de proximidade com a fronteira, como no caso anterior, ficando a cargo da cidade de Teixeira de Freitas a maior média para o grupo (1,20). Neste sentido, pudemos indicar inicialmente que, quando se perguntou diretamente sobre a América Latina, o critério geográfico se manifestou (as médias aumentaram com a proximidade em relação à fronteira), mas quando o assunto possibilitou uma abstração para além dos países latino-americanos (os pobres de outros países), o critério não se manifestou. Convém acentuarmos que para esta questão não houve uma relação direta entre o tamanho da cidade e a solidariedade com a pobreza, conforme nos indicou a média das capitais regionais em relação à média das cidades dos centros de zona.

Ainda na análise da questão 25, convém destacarmos os dados da alternativa “e” – a importância que os jovens atribuem às suas origens étnicas. Segundo o texto da alternativa, ao lado da expressão “origem étnica” – que pode ter sido um dado um tanto abstrato e confuso no



entendimento dos jovens – estavam algumas sugestões de etnia: “africana”, “europeia”, “indígena” e a palavra “outra”. Assim, estamos cientes de que os dados que apontaremos abaixo refletiram esta mescla de possibilidades, sendo, especificamente, a etnia indígena o recurso identitário aglutinador que se costuma evocar nos discursos integracionistas.

A média geral para esta alternativa foi significativamente baixa (0,08), enquadrando-se na graduação “importância média”. Nos limites dos dados gerais, parece não ter sido uma preocupação dos jovens de nossa amostra atribuir importância à etnia, reconhecendo-se como pertencentes a uma coletividade específica de costumes, tradições e histórias. Isto se percebeu quando comparamos esta alternativa às demais da questão, que apresentaram médias muito mais altas e expressivas. É possível que os jovens tenham se identificado pouco ou não tenham se identificado com as etnias propostas pelo texto da alternativa.

Quando analisando os dados de frequência desta alternativa, percebemos que as respostas não foram homogêneas em torno da neutralidade, mas, como na questão 17e, a neutralidade resultou do equilíbrio entre significativa parcela de jovens que assinalou alta importância e outra significativa parcela que assinalou baixa importância, além daqueles que efetivamente assinalaram neutralidade. Logo, indicamos que a conclusão exposta no parágrafo anterior – desinteresse dos jovens – só convém a estas duas parcelas que demonstraram efetivamente neutralidade e desinteresse. Esta intensidade de interesse dos jovens pode ser demonstrado abaixo:

Tabela 7: Tabela de Frequência – 25e. A minha origem étnica (africana, europeia, indígena ou outra)

	Frequência	Percentual válido
<i>Muito pouca importância</i>	258	11,2
<i>Pouca importância</i>	475	20,5
<i>Importância média</i>	708	30,6
<i>Grande importância</i>	571	24,7
<i>Importância muito grande</i>	301	13,0

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2313.

Como observado, do total de 2313 jovens, 733 (31,7%) assinalaram baixa importância (muito pouca + pouca) à origem étnica, 708 (30,6%) assinalaram média importância e 872 (37,7%) assinalaram alta importância (grande + muito grande). Os dados foram muito próximos, algo em torno de trinta por cento para cada parcela, o que compreendeu um número



significativo de jovens em cada uma delas. Deste modo, em vez de afirmarmos categoricamente a neutralidade para a questão, optamos por indicar aqui que ao mesmo tempo em que houve um significativo desinteresse pela questão, também houve significativo interesse, superior em seis pontos percentuais (139 jovens). Assim, tendo encontrado este índice de jovens, podemos inferir que, em alguma medida, a identificação com a etnia indígena também está presente nesta parcela.

Por hora, apenas acrescentamos que a média de interesse pela origem étnica diminui gradativamente quando se foi da fronteira (0,19) em direção ao centro (0,14) e litoral (-0,12). Desta última região, Florianópolis e Porto Alegre manifestaram os menores índices da amostra geral, respectivamente, -0,29 e -0,31. Dentre as vinte e duas cidades analisadas, a maior média para esta alternativa foi a da cidade de Brasília/DF (0,44).

Quanto à variável “aspectos socioeconômicos”, a questão étnica teve maior atribuição de importância nas escolas públicas de periferia (0,13) do que nas privadas laicas empresariais (-0,14). Este é um dado um tanto curioso, uma vez que, aparentemente, é mais comum a classe média manter seus vínculos com a tradição imigratória europeia e ter o conhecimento de sua genealogia.

E quanto à variável “tipos de cidades”, podemos apontar que a atribuição de importância à origem étnica variou inversamente conforme o tamanho da cidade: metrópoles (-0,01), capitais regionais (-0,01), centros sub-regionais (0,20), centros de zona (0,20) e centros locais (0,38). Desse modo, de acordo com os dados de nossa amostra, notamos que a importância que os jovens atribuíram às etnias propostas diminuiu conforme aumentou o tamanho das cidades (com maiores relações e população), o que denotou uma hipótese de as tradições (elementos histórico/culturais, costumes, ritos, simbologias) estarem mais diluídas e sincréticas nesses locais. Assim, para esta alternativa, o tipo de cidade seria um elemento sensivelmente mais significativo do que a localização geográfica para explicar os dados relacionados à identidade étnica. Esta é, porém, uma afirmação que também requer pesquisas futuras de aprofundamento.

As ideias dos jovens sobre nação e soberania nacional

Avançando em nossas análises, além do interesse pela história dos países latinos e pela valorização da origem étnica e solidariedade, também colocamos em questão a disposição dos jovens brasileiros de nossa amostra em construir um futuro comum para a região ao custo de parte da soberania nacional. Este ponto foi identificado na questão 36 do projeto Jovens e a



História, de enunciado “Que ideias você tem sobre nações e o país?”, onde analisamos especificamente as alternativas “c” e “d”. Os dados estão sistematizados na tabela abaixo.

Tabela 8: Questão 36: Que ideias você tem sobre as nações e o país?

Alternativas	Média Geral	Localização Geográfica		Aspectos Socioeconômicos		Tipos de Cidades	
		Fro.	Cen.	Pub.Per.	Priv.Lai.Emp.	Metr.	Cap.Reg.
36a. <i>As nações nascem, crescem e morrem na História, como acontece com tudo</i>	-0,14	Fro.	-0,15	Pub.Per.	-0,06	Metr.	-0,12
		Cen.	-0,20	Priv.Lai.Emp.	-0,15	Cap.Reg.	-0,24
		Lit.	-0,18			Cen.Sub.Reg.	-0,07
						Cen.Zon.	0,06
						Cen.Loc.	-0,32
36b. <i>As nações são coisas naturais por uma origem, por uma língua, pela história e pela cultura</i>	0,51	Fro.	0,58	Pub.Per.	0,39	Metr.	0,49
		Cen.	0,47	Priv.Lai.Emp.	0,54	Cap.Reg.	0,47
		Lit.	0,51			Cen.Sub.Reg.	0,56
						Cen.Zon.	0,55
						Cen.Loc.	0,20
36c. <i>As nações são o desejo da criação de um futuro, apesar das diferenças culturais do passado</i>	0,47	Fro.	0,51	Pub.Per.	0,37	Metr.	0,47
		Cen.	0,45	Priv.Lai.Emp.	0,55	Cap.Reg.	0,49
		Lit.	0,49			Cen.Sub.Reg.	0,46
						Cen.Zon.	0,43
						Cen.Loc.	0,48
36d. <i>Os países devem ceder parte da sua soberania a organismos internacionais (como a ONU, ou Mercosul)</i>	0,14	Fro.	0,13	Pub.Per.	0,17	Metr.	0,06
		Cen.	0,17	Priv.Lai.Emp.	0,12	Cap.Reg.	0,12
		Lit.	0,11			Cen.Sub.Reg.	0,22
						Cen.Zon.	0,14
						Cen.Loc.	0,56
36e. <i>Os interesses do meu país devem ser defendidos a todo custo, inclusive por força militar</i>	0,10	Fro.	0,18	Pub.Per.	0,30	Metr.	-0,09
		Cen.	0,17	Priv.Lai.Emp.	-0,07	Cap.Reg.	0,04
		Lit.	-0,01			Cen.Sub.Reg.	0,26
						Cen.Zon.	0,17
						Cen.Loc.	0,76

Fonte: O Autor (2016). Projeto Jovens e a História – Adaptado do Software GNU PSPP.

Isolando as médias gerais, inicialmente indicamos a prevalência de médias que denotaram “neutralidade”, ou uma concordância “em partes” com o exposto textual das alternativas. Apenas a alternativa “b” apresentou média geral acima de 0,5, sugerindo indícios de concordância com a afirmação de que nações são “coisas naturais”, fenômenos que decorrem de uma origem natural de aproximações linguísticas, culturais e históricas.

A narrativa desta alternativa se enquadrava no tipo tradicional, segundo a teoria da história de Jörn Rüsen. Seria uma forma de recuperar o passado com a tradição como referência, num processo de eternização do tempo (o passado não seria percebido e diferenciado do presente, como qualidade temporal própria, e avançaria em direção ao presente). Quanto à recuperação das experiências, seria uma narrativa que transformaria a história num modelo estático que remeteria à origem, a uma vida obrigatória e de permanência de um dado modelo



cultural, cabendo aos indivíduos aceitarem este modelo via imitação. Segundo Rösen, o alinhamento a este tipo tradicional implica em resistência dos sujeitos diante do tempo, os quais buscam permanecer sobre as mudanças, resultando em dificuldades de aceitar as transformações sociais e de si próprios (RÜSEN, 2007b, p. 62).

Embora ressalvando a possibilidade de um entendimento equívoco do enunciado, a aceitação de que a nação seria algo natural pode estar naturalizando as diferenças, suprimindo a ideia de processo, o que poderia vir a colaborar na formação de uma alteridade estática e excludente, segundo a qual “naturalmente” seríamos diferentes.

Já a menor média geral para a questão se referiu à alternativa “a” (-0,14), a qual indicou certo caráter teleológico na história, as nações – “como aconteceria com tudo” – percorreriam obrigatoriamente um caminho, nascendo, desenvolvendo-se e morrendo. Observando os indícios de discordância, podemos supor que este descontentamento dos jovens pode ter vindo ou da primeira parte da afirmação (o tom obrigatório de estágios necessários e final fatalista), ou da segunda premissa, “como acontece com tudo”. Talvez os jovens tenham discordado de que este percurso se aplique a “tudo”. Mas, de qualquer forma, se atentarmos especificamente para a primeira parte da afirmação, abriríamos espaço para a crítica à teleologia: os caminhos não seriam obrigatórios, e, assim, o presente e o futuro estariam sendo interpretados pelos jovens como possibilidades em aberto. Isso significa, principalmente, que as nações não estariam fora do tempo, não seriam eternas ou atemporais, mas estariam inseridas em processos históricos.

De acordo com o pensamento rüseniano, esta alternativa teria maior proximidade com o tipo exemplar, segundo o qual os casos do passado funcionariam como regras gerais de conduta ou sistema de valores ao presente. Estas regras seriam atemporais e recuperadas como forma de orientação no entendimento dos casos particulares, resultando em ações futuras. Haveria uma continuidade no tempo via orientação exemplar (exemplos da história). Esta forma seria um pouco mais complexa que a anterior, remetendo à crítica da tradição, num entendimento de que os fenômenos/valores/identidades não seriam atemporais, mas precisariam ser entendidos/copiados, com certa sagacidade, dos exemplos do passado. Os jovens refutaram esta afirmação (-0,14), indicando, possivelmente, que a regra posta (“nascer, crescer e morrer”) não se aplicaria a tudo.

Haveria uma contradição na indicação de que as nações seriam naturalmente diferentes, mas não seguiriam uma evolução natural e linear? As análises das alternativas “c” e “d” nos ajuda no esclarecimento deste aparente paradoxo.



Os jovens indicaram a média 0,47 para a alternativa “c”, a qual podemos assumir ser média limite entre a neutralidade e o início de indícios de interesse, segundo a graduação da escala Likert. Apesar de haver uma parcela significativa de jovens que indicou para a alternativa anterior que as nações são “coisas naturais” (média 0,51), esta média é bastante próxima à da afirmação de que as nações seriam também um “desejo de criação de um futuro comum, apesar das diferenças culturais do passado”. Este dado nos sugeriu uma compreensão de nação como um projeto, uma construção, um entendimento da história como processo que remeteria ao futuro e resultaria em ações humanas. Aproximando-se do tipo genético, isso remete à compreensão de que as experiências do passado foram recuperadas no entendimento de tal forma que as transformações dos modelos culturais (nos quais incluímos a moralidade e as identidades) foram compreendidas e aceitas como fenômenos inerentes da história, dos processos de transformação e evolução da sociedade. Na memória teriam sido recuperadas experiências de alteridade, de mudanças que levem das formas de vida estranhas ou alheias às próprias, num processo identitário via identificação com os processos na história (RÜSEN, 2007b, p. 62).

Esta ideia de nação como construção foi sensivelmente mais forte na região de fronteira (0,51), seguida do litoral (0,49) e do centro (0,45). Inicialmente, poderíamos até supor que o histórico de instabilidade com relação ao que é ser “nacional” nas zonas de fronteira tenha influenciado, em alguma medida, num entendimento do conceito mais distante do tom essencialista, aproximando-o de uma ideia de processo. Contudo, julgamos que – quando comparamos com a média da mesma região para a alternativa “b”, que sugeriu exatamente o oposto – esta ideia destoou (ou se fragilizou) do tom essencialista do conceito de nação. Na alternativa “b”, a média da fronteira também foi a maior dentre as regiões (fronteira: 0,58; centro: 0,47; litoral: 0,51), indicando a percepção de que as nações são “coisas naturais”.

Ora, é possível que a mesma região tenha apresentado as maiores médias em alternativas diretamente opostas? esta questão já aponta indícios para a compreensão do possível paradoxo levantado anteriormente, para tanto, cruzamos os dados e identificamos se foram os mesmos jovens que assinalaram as duas opções.

Tabela 9: Tabela Cruzada – 36b. As nações são coisas naturais... X 36c. As nações são o desejo de futuro

36c.As nações são o desejo da criação de um futuro, apesar das diferenças culturais do passado



		Discordo totalmente	Discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo totalmente
36b.As nações são coisas naturais por uma origem, por uma língua, pela história e pela cultura	Discordo totalmente	10	7	15	3	4
	Discordo	9	35	91	44	10
	Concordo em parte	8	88	437	290	24
	Concordo	9	54	343	470	95
	Concordo totalmente	1	10	46	75	92

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2270.

Na região inferior esquerda da tabela podemos perceber um total de 74 jovens (3,26%) que assinalaram concordância (concordam + concordam totalmente) com a afirmação de que as “nações são coisas naturais”, ao mesmo tempo em que discordaram (discordo totalmente + discordo) do entendimento de nação como projeto de futuro. Para o inverso, canto superior direito da tabela, o dado é quase o mesmo, porém em sentido contrário: 61 jovens (2,69%) que optaram por concordar com a segunda afirmação. Atentando aos índices de concordância entre ambas as alternativas (concordo + concordo totalmente), pudemos perceber que 732 jovens (32,24%) assinalaram as duas opções ao mesmo tempo, um número significativamente maior do que os anteriores. Estes dados, em certa medida, colocaram em crise a explicação teórica: os mesmos jovens demonstraram, ao mesmo tempo e sobre a mesma questão histórica, formas distintas de recuperar o passado (tradicional e genética). Entendemos, a partir da discussão teórica, que a forma genética pressupõe o entendimento e a crítica da forma tradicional. Já o inverso não aconteceria, pois se trataria de uma progressão de complexidade. Assim, o que podemos sugerir é que uma parcela significativa dos jovens de nossa amostra (a maior parcela) não considerou as duas alternativas como opostas, articulando de forma harmônica uma compreensão essencialista (que remeteu a um passado de origem) com um entendimento processual (que remeteu a ações futuras). Talvez esta articulação se deva ao conceito de “nação”, um tanto abstrato, e que poderia ter gerado dúvidas no entendimento dos jovens. Ou ainda, se imaginarmos que a ideia de nação como algo natural é uma ideia que está presente na sociedade, no conhecimento histórico comum, e que sua contrapartida, nação como uma construção, seja resultante, em alguma medida, da intervenção escolar (do conhecimento histórico científico disposto na sociedade), então podemos supor que ao longo do processo de aprendizado, por um dado período de tempo, estas duas ideias possam coexistir no entendimento dos jovens, até que uma questione a outra, assim como coexistiriam e reivindicariam a verdade no interior da sociedade. Portanto, as duas formas de recuperar o



passado ocorreram ao mesmo tempo em nossos dados, porque os jovens teriam identificado estas duas formas como possíveis e válidas, já que, possivelmente, os dados da memória encontraram respaldo nos dados da cultura.

De modo complementar, Maria Paula González apontou que a ideia de nação como algo natural é algo que permanece na sociedade,

Por un lado, es positivo advertir que la historia escolar ha ido abandonando la transmisión de grandes relatos plagados de héroes, reyes y “personas importantes” – característica de la disciplina escolar desde el siglo XIX – ya que profesores y alumnos no se inclinan por estos temas. Por otro lado, y en contrapartida, los datos sugieren que en las aulas no parece haberse instalado el atractivo por conocer “la formación de las naciones”, es decir, cómo nos constituimos como comunidades, como estados nacionales. Quizás, “el mito de los orígenes” siga repitiéndose con fuerza dentro y fuera de las escuelas diciéndonos que la nación es algo dado e inmutable y no fruto de una construcción a pesar de los aportes de la historiografía latinoamericana de las últimas décadas. (GONZÁLEZ, 2010, p. 10).

Quando atentamos às médias que resultaram da variável “tipos de escola”, percebemos que algo semelhante aconteceu: as escolas do tipo privada laica e empresarial também apresentaram ao mesmo tempo maior média para as duas alternativas (0,54, para a alternativa “b”; 0,55, para a alternativa “c”), que contrastou com as médias das escolas do tipo pública de periferia (0,39, para a alternativa “b”; 0,37, para a alternativa “c”). Isso nos sugeriu que o ocorrido anteriormente, em certa medida, também se manifestou a partir da variável “tipos de escola”, com maior ênfase nas escolas privadas, já que a tendência à neutralidade para esta questão é levemente mais acentuada nas escolas do tipo públicas de periferia.

Avançando, indicamos que estes dados contrastaram menos quando observamos estas duas alternativas a partir da variável “tipos de cidade”. Assim, os dados não nos permitiram inferir que a disposição das cidades nos múltiplos relacionamentos nacionais e internacionais – os seus tamanhos e fluxos de mercadorias, serviços e migrações – interfiram de modo significativo sobre a interpretação do conceito de nação. As médias das cidades se mostraram bastante aproximadas para as duas alternativas, com o destaque apenas da cidade do tipo centro local (Curiúva/PR) que, especificamente, para a alternativa “b” (nação como “coisas naturais”) apresentou média 0,20, diferenciando-se um pouco da média apresentada para a alternativa “c” (0,48). De resto, analisando isoladamente a alternativa “c” (“nação como projeto de futuro”), as médias das cidades foram bastante aproximadas entre si (variando de 0,43 a 0,49).

Ainda, apontamos que esta ideia de nação como algo natural, em certa medida, resultou de imagens estáticas recuperadas pela memória, intimamente relacionadas às informações históricas dispostas na sociedade que, possivelmente, não articularam noções de contradição e



conflito no entendimento da nação brasileira. Neste sentido, vale destacar que a história do Brasil tem larga experiência com tentativas de fabricação da homogeneidade da nação, tanto em seus aspectos econômicos e sociais, quanto raciais. Como apontou Léia Adriana da Silva Santiago, em sua tese *Ensino da História da América no Brasil e na Argentina – no período transitório para a República*, com os escritos de Eduardo Prado e seu modelo de identidade nacional atrelada à permanência, à continuidade do passado colonial e imperial; ou em Gilberto Freire com a idealização do Brasil mestiço e da “democracia racial”; ou, ainda, com a significativa articulação entre Estado e educação (nas décadas de 1930 e no período da Ditadura Civil Militar Brasileira) e sua projeção de uma nacionalidade sem conflitos internos, harmônica e excludente, em sua construção, dos vizinhos latino-americanos –, há no interior da cultura um trabalho de consolidação de memórias de uma nacionalidade que se projete sem contradições, “aparrando as arestas dos regionalismos”, das camadas e dos conflitos sociais internos (SANTIAGO, 2012, p. 64).

Ainda observando a questão 36, a alternativa “d” (“Os países devem ceder parte da sua soberania a organismos internacionais, como a ONU e MERCOSUL”) também nos permitiu apontamentos interessantes.

Inicialmente, apontamos que tanto a média geral como todas as variáveis se apresentaram muito próximas a zero. Com a média geral de 0,14, as demais médias que resultaram das variáveis oscilaram de 0,11 a 0,22. A única exceção foi novamente Curiúva/PR (Centro Local) que apresentou média de 0,56 (índices de concordância). Como vimos anteriormente, uma média pôde resultar neutra quando existiram duas parcelas significativas em sentidos contrários, o que também ocorreu neste caso. Outra reflexão quanto ao método diz respeito ao caso de Curiúva/PR, que apareceu diversas vezes com médias destoantes. Convém interpretarmos estes episódios como uma consequência que resultou da própria lógica matemática do método quantitativo, o que denotou certa fragilidade quanto ao método e à análise via estatísticas. Na cidade de Curiúva, apenas vinte e seis jovens responderam ao questionário, um número significativamente mais baixo do que a média de cem jovens que compuseram as demais cidades. Assim, com um número menor, as médias tendem a ser mais extremadas (de modo aproximado, e digno de nota, também tivemos Teixeira de Freitas com uma amostra pequena de 46 jovens).



Tabela 10: Questão 36d. Os países devem ceder parte de sua soberania a organismos internacionais (como a ONU, ou MERCOSUL)

	Frequência	Percentual válido
<i>Discordo totalmente</i>	103	4,5
<i>Discordo</i>	453	19,9
<i>Concordo em parte</i>	939	41,1
<i>Concordo</i>	587	25,7
<i>Concordo totalmente</i>	200	8,8

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: 2282.

O índice de jovens que discordou da ideia de perder parte da soberania (discordo totalmente + discordo) foi de 24,4% (556 jovens), contra o índice de 34,5% (787 jovens) que indicou concordância com a proposta (concordo + concordo totalmente). Os jovens que assinalaram posicionamento de neutralidade, concordando em partes, somaram 41,1% (939 jovens). Assim, assumimos a existência de uma parcela que efetivamente se posicionou contra uma possível perda de parte da soberania (expressão que pode ter sido compreendida negativamente pelos jovens como sinônimo de submissão) do Brasil ao MERCOSUL, ou à ONU, o que aparentemente dificultaria um projeto amplo de integração regional. Contudo, para além da média geral neutra de 0,14, como pudemos observar, estão contidos 787 jovens que se posicionaram explicitamente de modo favorável. Assim, podemos apontar uma predisposição de parte da amostra, da ordem de 34%, à aproximação com o MERCOSUL e a ONU. Como nos casos anteriores, em que as afirmações apresentavam mais de uma interpretação, não podemos afirmar enfaticamente que as médias e os dados se referiram apenas à região da América do Sul, sintetizada na expressão “MERCOSUL”. Na afirmação, a expressão “ONU” pode ter tido algum peso sobre os posicionamentos dos jovens.

Quanto às variáveis, apontamos massiva neutralidade para esta alternativa.

A importância que os jovens atribuíram a temas relacionados à integração da América do Sul

Este ponto resultou da questão 40 do projeto Jovens e a História, de enunciado “Sobre os processos de integração da América do Sul, que importância tem o seguinte”. Foi uma questão que partiu do princípio de que a integração da América do Sul já está ocorrendo, solicitando dos jovens, deste modo, a sua avaliação do grau de importância a temas como: relação comercial, turismo, infraestrutura, solidariedade, acesso a produtos culturais, estudo e



trabalho na região. Divergindo sensivelmente das questões anteriores, a questão 40 apresentou alternativas com temáticas muito aproximadas e diretamente complementares, por isso avaliamos a questão como um todo.

Os dados sintéticos da questão seguem na tabela abaixo.

Tabela 11: Questão 40: Sobre os processos de integração da América do Sul, que importância tem o seguinte:

	Alternativas	Média Geral	Localização Geográfica		Aspectos Socioeconômicos		Tipos de Cidades	
40a.	<i>Acordos para aumentar o comércio entre os países</i>	0,67	Fro.	0,62	Pub.Per.	0,43	Metr.	0,67
			Cen.	0,65	Priv.Lai.Emp.	0,87	Cap.Reg.	0,74
			Lit.	0,76			Cen.Sub.Reg.	0,63
							Cen.Zon.	0,56
							Cen.Loc.	0,27
40b.	<i>Programas que facilitem que os cidadãos estudem e trabalhem em outros países da região</i>	0,86	Fro.	0,84	Pub.Per.	0,75	Metr.	0,82
			Cen.	0,86	Priv.Lai.Emp.	1,03	Cap.Reg.	0,93
			Lit.	0,95			Cen.Sub.Reg.	0,86
							Cen.Zon.	0,72
							Cen.Loc.	0,77
40c.	<i>Construção de estradas, ferrovias, gasodutos e obras que conectem os países do continente</i>	0,62	Fro.	0,51	Pub.Per.	0,50	Metr.	0,59
			Cen.	0,64	Priv.Lai.Emp.	0,84	Cap.Reg.	0,68
			Lit.	0,65			Cen.Sub.Reg.	0,60
							Cen.Zon.	0,50
							Cen.Loc.	0,50
40d.	<i>Iniciativas que promovam uma integração mais solidária entre os povos da região</i>	0,66	Fro.	0,60	Pub.Per.	0,52	Metr.	0,68
			Cen.	0,67	Priv.Lai.Emp.	0,78	Cap.Reg.	0,69
			Lit.	0,70			Cen.Sub.Reg.	0,64
							Cen.Zon.	0,58
							Cen.Loc.	0,77
40e.	<i>Iniciativas que deem mais acesso a livros, filmes e músicas produzidas em outros países da América do Sul</i>	0,70	Fro.	0,70	Pub.Per.	0,62	Metr.	0,72
			Cen.	0,65	Priv.Lai.Emp.	0,76	Cap.Reg.	0,66
			Lit.	0,77			Cen.Sub.Reg.	0,74
							Cen.Zon.	0,64
							Cen.Loc.	0,65

Fonte: O Autor (2016). Projeto Jovens e a História – Adaptado do Software GNU PSPP.

Convém apontarmos uma observação metodológica quanto ao contraste entre as médias desta questão e as da questão anterior, assim como ocorreu entre as da questão 25 e 18.

Conforme a nossa análise avançou, pudemos perceber que as médias das alternativas oscilaram de modo um tanto uniforme e independente entre as questões. Alternativas com temáticas semelhantes, dispostas em questões diferentes, destoaram significativamente em suas médias, para mais ou para menos. Podemos apontar aqui algumas hipóteses para este fenômeno: talvez o grau de posicionamento dos jovens tenha variado conforme a disposição e a inter-relação dos conteúdos em uma mesma questão; ou conforme a estética do discurso do



enunciado; ou do local da questão no questionário impresso (frente ou trás da folha); ou a relação com a questão imediatamente anterior; ou, por fim, a possibilidade de a primeira alternativa de cada questão ter nivelando as demais.

Neste sentido, para esta questão, percebemos que todas as médias gerais apresentaram indícios de “importância” (acima de 0,5), segundo a graduação da escala Likert. Assim, os jovens de nossa amostra se posicionaram para além da neutralidade, no sentido de atribuir importância para cada uma das alternativas da questão. Se na questão anterior avaliaram como 0,14 a aproximação do Brasil ao MERCOSUL/ONU, nesta questão atribuíram importância aos possíveis benefícios da integração. Da mesma maneira, se na questão 17i. (com o índice de 0,09) não demonstraram interesse em conhecer a história do desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio, nesta questão demonstraram que, mais importante do que conhecer a história e o desenvolvimento é ter acesso aos produtos, aos bens e aos serviços no tempo presente.

De modo hierárquico, atribuíram maior importância à alternativa que se referia à necessidade de programas que facilitem aos cidadãos estudar e trabalhar em outros países da região (alternativa “b” - 0,86), seguida da alternativa que propunha iniciativas de mais acesso a livros, filmes e músicas produzidas em outros países da América do Sul (alternativa “e” – 0,70). Aparentemente os jovens de nossa amostra foram relativamente favoráveis tanto às migrações regionais em busca de estudo e trabalho, como ao fluxo de mercadorias da indústria cultural. Fica em aberto se os posicionamentos destes jovens significaram uma aceitação dos imigrantes (“outros”) em território nacional ou somente refletiram desejos próprios de estudar/trabalhar fora do país. Mostraram-se também favoráveis – corroborando – a acordos para aumentar o comércio na região (0,67), a iniciativas que promovam uma integração mais solidária (0,67) e à construção de uma infraestrutura que conecte os países (0,62).

Observando os dados a partir das variáveis, numa análise geral da questão podemos perceber que a localização geográfica manifestou influência em quase todas as alternativas. Como havíamos indicado anteriormente, quando o assunto é América Latina a proximidade com a fronteira exerceu influência sobre as médias. Para a atual questão, apesar de Cáceres e Dourados (cidades que compõem a região de fronteira de nossa amostra) serem, respectivamente, zonas de processamento de exportação e um significativo polo regional de serviços voltado ao agronegócio (“Portal do MERCOSUL”), podemos dizer que o grau de importância que se atribuiu às pautas referentes aos processos de integração (com relativa exceção para a alternativa “e”) foi, diretamente proporcional à distância entre a fronteira e o



lugar em que se localizou o jovem. As médias mais altas foram as litorâneas, seguidas das da região central, sendo mais reduzidas na região de fronteira. Uma hipótese para explicar este fenômeno seria pensar a região de fronteira como um contexto de disputa por recursos e empregos, considerando que o MERCOSUL já permite o livre trânsito de trabalhadores; enquanto que na região do Litoral a média pode ser maior em razão de a economia ser sustentada em grande parte pelo turismo e pelo transporte (portos), que são tão mais intensos quanto maior a integração e o fluxo de estrangeiros e de comércio internacional. Ainda assim, convém destacarmos que todas as médias enunciadas na região de fronteira se mantiveram acima do índice 0,5, denotando também indícios de atribuição de importância.

No que se referiu ao critério socioeconômico, as escolas do tipo privada laica e empresarial apresentaram as maiores médias para todas as alternativas. Uma hipótese é a de que assuntos relacionados a questões de empreendedorismo tenham maior apelo e significância em ambientes do setor educacional privado do que em escolas públicas. Da mesma forma, podem ter influenciado as possíveis experiências individuais/familiares dos jovens de escolas privadas com viagens, estudos ou trabalho fora do país. Contudo, o que destoa é que nesta questão (especificamente na alternativa 'd', uma "integração mais solidária aos países da região"), divergindo da alternativa analisada 251 ("solidariedade com os pobres de outros países"), as escolas privadas apresentaram média superior às escolas públicas de periferia.

Seria o estrangeiro (ideias sobre o internacional, o mundo, o "outro", o distante) uma abstração menos construída/ilustrada no imaginário/memória dos jovens de escolas públicas de periferia? Isto seria um problema, pois uma identidade latino-americana dependeria de uma abstração rica em memórias sobre o estrangeiro, no sentido de gerar laços de pertencimento e reconhecimento. Quando foi observado a totalidade de questões e alternativas que compuseram o projeto Jovens e a História, os dados de nossa amostra apontaram que na maioria das vezes quando se referiu ao estrangeiro, ao internacional, as maiores médias de concordância/interesse foram as dos jovens de escolas privadas. O oposto também se evidenciou: quando foi perguntado sobre o local, o próximo, o bairro, a privacidade, a subjetividade, as maiores médias foram as dos jovens das escolas públicas de periferia.



Tabela 12: O internacional/distante e o nacional/próximo em escolas Públicas de Periferia e Privadas Laicas Empresariais

Alternativas correlacionadas ao Estrangeiro	Médias		Alternativas correlacionadas ao local	Médias	
	Pub.Per.	Priv.Lai.Emp.		Pub.Per.	Priv.Lai.Emp.
17e. Culturas de países distantes (Interesse)	0,28	0,66	18a. A história da localidade onde vivo (Interesse)	0,07	-0,05
18d. Outros países da América Latina (Interesse)	-0,01	0,12	18b. A história da minha região (Interesse)	0,18	0,05
18e. A história do mundo, excluindo a América Latina (Interesse)	0,15	0,64	25d. O meu país (Importância)	0,85	0,61
40a. Acordos para aumentar o comércio entre os países (Importância)	0,43	0,87	25g. A minha fé religiosa (Importância)	0,48	0,04
40b. Programas que facilitem que os cidadãos estudem e trabalhem em outros países da região (Importância)	0,75	1,03	25e. A minha origem étnica (Importância)	0,13	-0,14
40c. Construção de estradas, ferrovias, gasodutos e obras que conectem os países do continente (Importância)	0,50	0,84	36e. Os interesses do meu país devem ser defendidos a todo custo, inclusive por força militar (Concordância)	0,30	-0,07
40d. Iniciativas que promovam uma integração mais solidária entre os povos da região (Importância)	0,52	0,78			
40e. Iniciativas que deem mais acesso a livros, filmes e músicas produzidas em outros países da América do Sul (Importância)	0,62	0,76			

Em certa medida, a ideia do estrangeiro como uma abstração menos construída/ilustrada no imaginário/memória dos jovens de escolas públicas de periferia é uma hipótese que encontrou fundamento em nossos dados, mas que escolhemos não afirmar categoricamente, dadas as poucas exceções encontradas¹⁶. Novos estudos (possivelmente qualitativos) serão necessários para fundamentar ou refutar este argumento. Deixamos aqui registrado como um possível caminho de pesquisa.

¹⁶ Em apenas três alternativas ocorreu o processo inverso: “18c. A história do Brasil” (Pub.Per 0,52; Priv.Lai.Emp. 0,56), “25k. Solidariedade com os pobres do meu país” (Pub.Per 0,89; Priv.Lai.Emp. 0,90) e “25l. Solidariedade com os pobres de outros países” (Pub.Per 0,66; Priv.Lai.Emp. 0,58).



Quanto ao critério “tipos de cidades”, não apontamos nenhuma tendência ou relação entre o tamanho da cidade e a atribuição de importância por parte dos jovens. Este foi um dado curioso, pois, como a questão 40 se referiu diretamente ao estreitamento das relações comerciais, de serviço, de trabalho e de produtos, esperou-se que o interesse dos jovens fosse proporcional ao tamanho da cidade. Contudo, esta relação não se manifestou, o que nos sugere que, apesar de estarem inseridos em contextos de maior ou menor relações comerciais com o local, o nacional e o internacional, este fato não refletiu automaticamente – ou proporcionalmente – nas ideias dos jovens.

Podemos concluir este ponto indicando que nos jovens de nossa amostra houve uma atribuição de importância significativa aos assuntos que se relacionaram ao estreitamento dos laços culturais/comerciais do Brasil com os países da América Latina. Eles atribuíram importância ao aumento do comércio; aos programas de estudo e trabalho; à construção de estradas e ferrovias; à integração solidária entre os povos da região e ao maior acesso a livros, filmes, músicas e produtos em geral. Uma questão que ficou para o próximo ponto é: em que medida estes interesses manifestados refletiram na possibilidade da derrubada das fronteiras nacionais? Ou, em outras palavras, estes interesses se alinharam no sentido da proposição de uma unificação política para a América Latina?

As ideias dos jovens sobre a integração econômica e a unificação da América do Sul

Este último ponto derivou da questão 41 do questionário do projeto Jovens e a História, de enunciado “Os temas a seguir são polêmicos. Em que você votaria a favor ou contra?”. Esta questão buscou identificar os posicionamentos dos jovens sobre diversos temas considerados polêmicos. Diferentemente das questões anteriores, esta questão não se utilizou da escala Likert como referência e apresentou três opções de respostas aos jovens: “votaria contra”, “indeciso” e “votaria a favor”. Assim, nas análises que seguem não utilizamos o sistema de médias, como fizemos até aqui, mas os dados de frequência e porcentagem. Nesta questão, atentamos especificamente às alternativas “e” e “f”.

Tabela 13: Questão 41 - Os temas a seguir são polêmicos. Em que você votaria a favor ou contra?

Alternativas	Votaria contra		Indeciso		Votaria a favor	
		%		%		%
		7,2		20,8		72



41a.	<i>Maior controle sobre o trânsito de veículos para diminuir os acidentes e preservar o meio ambiente</i>	164		476		1648	
41b.	<i>Intervenção do governo na economia para garantir emprego para todos</i>	258	11,3	710	31,1	1317	57,6
41c.	<i>Plena igualdade entre homens e mulheres no trabalho, na administração da casa e na política</i>	147	6,4	417	18,2	1721	75,3
41d.	<i>Distribuição de terra para os mais pobres, mesmo que isso signifique diminuir as propriedades dos mais ricos</i>	407	17,8	789	34,6	1085	47,6
41e.	<i>Ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país</i>	1065	44	823	36,4	371	16,4
41f.	<i>Integração econômica do MERCOSUL, incluindo uma moeda comum</i>	438	19,3	1110	48,8	726	31,9
41g.	<i>Preservação do meio ambiente, mesmo que isso prejudique o desenvolvimento econômico</i>	177	7,8	763	33,6	1329	58,6

Fonte: O Autor (2016). Projeto Jovens e a História – Adaptado do Software GNU PSPP.

De modo geral, os jovens de nossa amostra se apresentaram bastante favoráveis à “plena igualdade entre homens e mulheres no trabalho, na administração da casa e na política” (75,3% assinalaram que votariam a favor – 1721 jovens), e também a um “maior controle sobre o trânsito de veículos para diminuir os acidentes e preservar o meio ambiente” (72% de favoráveis – 1648 jovens). Para estes dois casos, a média de indecisão ficou próxima a 20% e a de contrariedade às propostas em torno de 7%. São as duas alternativas em que apontamos certa unanimidade dos jovens em torno da aceitação. Nas demais alternativas, a média de indecisão subiu significativamente, assim como os índices de contrariedade.

Na casa dos 60% de aceitação ficaram as duas outras alternativas, com um grau maior de polêmica: a “preservação do meio ambiente, mesmo que isso prejudique o desenvolvimento econômico” e a “intervenção do governo na economia para garantir emprego para todos”. Nestas duas alternativas o índice de indecisão se encontrou levemente acima dos 30% e o de contrariedade, em aproximadamente 8% para a primeira alternativa e 11,3% para a segunda. Atualmente, no senso comum as expressões “desenvolvimento econômico”, “recessão econômica” e “crise na economia” possuem fortes apelos (emocionais) sobre os julgamentos das pessoas, constituindo, nas palavras de Bodo Von Borries (2016b, p. 19), “experiências



internalizadas, polêmicas ou criticadas da história regional e nacional”. Isso talvez se deva, em parte, a recente crise econômica da década de 1990 que gerou um aumento significativo da desigualdade social, o fenômeno da favelização das cidades e os anos de recessão no Brasil, que em alguma medida deixaram rastros nas memórias sociais. Quanto à segunda afirmação, o nível de indecisão e contrariedade pode estar relacionado ou com a expressão “intervenção do governo”, que atualmente carrega um tom pejorativo propagado por setores da sociedade que abertamente defendem – como posicionamento político – a diminuição do tamanho do estado; ou com os múltiplos significados que atualmente a palavra “governo” evoca no senso comum, usualmente relacionada a palavras como corrupção, burocracia, ineficiência, etc.

Com aproximadamente 50% de aceitação (47,6% de favoráveis – 1085 jovens) tivemos apenas a alternativa “distribuição de terra para os mais pobres, mesmo que isso signifique diminuir as propriedades dos mais ricos”, com um grau de indecisão em torno de 35% e 17,8% de contrariedade. Como pudemos observar, o nível de indecisão e contrariedade aumentou na medida em que aumentou o potencial de ajuste social implícito na alternativa. Deste ponto em diante, o nível de aceitação passou a ser inferior a 40%, o que implicou altos índices de discordância e indecisão.

A alternativa “integração econômica do MERCOSUL, incluindo uma moeda comum” apresentou apenas 31,9% de aceitação (726 jovens), com um índice ainda superior de indecisos (44,8% - 1110 jovens) e 19,3% de posicionamentos contrários (438 jovens).

E, por fim, a alternativa “ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país” apresentou apenas 16,4% de aceitação (371 jovens), um índice de 36,4% de indecisão e o maior índice de recusa para a questão, 44% (1065 jovens), sendo um índice de contrariedade que destoou significativamente de todas as alternativas anteriores. Além da maior recusa, esta alternativa também apresentou o menor índice de aceitação para a questão. Quanto ao nível de indecisão, o maior índice se expressou na alternativa anterior, que propôs a “integração econômica do MERCOSUL”. Assim, dentre todos os temas, quando questionados sobre a integração econômica, os jovens se colocaram substancialmente em dúvida, e quando questionados sobre a unificação política/fronteiriça da América do Sul, os jovens demarcaram posicionamentos em sentido contrário. Aproximadamente metade dos jovens de nossa amostra foram contrários à unificação, os quais, somados, ao índice de indecisos para a mesma alternativa, deram um total de 80,4%.

Talvez esta expressiva recusa tenha relação com os resultados encontrados pelas pesquisadoras Juliana Pirola da Conceição e Maria de Fátima Sabino Dias, as quais, ao



investigarem as narrativas de 67 jovens, para o mesmo período, perceberam que eles articularam as ideias de subdesenvolvimento, baixa tecnologia, desigualdade, desmatamento, poluição e violência – de modo bastante vitimista, imobilizador de ações no presente –, para representar os países da América Latina (CONCEIÇÃO; DIAS; 2011, p.183). A mesma autora, Juliana Pirola, em outro texto em parceria com a pesquisadora Raquel Alvarenga Sena Venera, refletindo sobre os mesmos dados sugeriu que

[...] diante da ausência de repertório sobre o passado, os jovens apreendem com a mídia as representações sobre a América Latina, recortadas apenas em problemas e se identificam com aquilo que imaginam ser os EUA. Os problemas contemporâneos da América Latina aparecem bastante nas narrativas dos jovens das duas escolas, entre eles, os que mais se destacaram foram tensões relacionadas ao Gasoduto, As FARC e o narcotráfico e Hugo Chaves na Venezuela como ameaça. Especialmente nas narrativas do DJ existe claramente uma memória pejorativa sendo construída. (VENERA; CONCEIÇÃO, 2012, p. 148).

Outro trecho das autoras que ainda colaboram em nossa análise,

[...] apenas uma narrativa questionou o sentido de inferioridade que se constrói sobre o “ser latino-americano”: “Hoje em dia, você diz que é americano e as pessoas não reconhecem. Americano é o estadunidense, o brasileiro não é americano, é latino.” (Narrativa DJ A05) O jovem diz não existir a possibilidade de ser reconhecido como americano porque essa nomenclatura é legitimada para o estadunidense, no entanto, resta ao brasileiro ser latino. Apesar de ser uma crítica, ela vem afirmando a inferioridade dessa identidade, como se fosse uma sina. O lugar que se deseja como identificação não possui reconhecimentos pelos outros no jogo de identidade e alteridade. Se ele disser que é “americano” não será reconhecido no lugar que gostaria, mas será interpretado como um erro de linguagem. A identidade precisa do reconhecimento dos outros, ela não se processa apenas na identificação dos sujeitos, mas, essa identificação precisa jogar com aquilo que Hall chama de “marcação de fronteira simbólica” (HAAL, 2000, p. 106). Não se identificar com o lugar de posição de sujeito que é mapeado nos discursos midiáticos sobre a América Latina pode ser mais simples do que se identificar com aquilo que se acha ser a representação do “ser americano”. A identificação por si apenas não garante o reconhecimento e o pertencimento a um grupo. A identificação “obedece à lógica do mais-que-um” (HALL, 2000, p. 106) e isso é um complicador para esse jovem. (VENERA; CONCEIÇÃO, 2012, p. 148).

Neste sentido, a recusa à perspectiva de integração significou, supostamente, a recusa ao pertencimento/enquadramento nesta representação negativa – conjunto de memórias compartilhadas¹⁷ –, que evocam exemplos de problemas (sociais, econômicos, políticos), em

¹⁷ Em parte, também pelos currículos oficiais prescritos. Este apontamento se encontra no texto *O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva*, da historiadora Elza Nadai (1992), que assim descreve o desinteresse no Brasil das trajetórias de vida dos países de língua espanhola: “A ideologia do progresso que sustentou a modernização do Estado brasileiro desde a segunda metade do século XIX propugnava uma identificação com a Europa industrializada e capitalista, negando qualquer semelhança com a América Latina, salvo se fosse para desempenhar uma posição hegemônica”. (NADAI, 1992, p.150). Sobre o ensino da história da América Latina no Brasil, ver também KALIL-ALVES, Thamar; de Oliveira, Wellington. **O ensino de história da América Latina no Brasil: sobre currículos e programas Magis**. Revista Internacional de Investigación en Educación, vol.



contraste com a idealização da representação norte-americana. O único jovem que, na pesquisa das autoras, assumiu o pertencimento “latino” não o fez como motivo de orgulho, mas como um fardo que precisa ser abandonado ou carregado, sendo, por isso, motivo de vergonha, de ocultamento. Some-se a isto o aumento do número de imigrantes bolivianos, paraguaios e uruguaios (e de outras nacionalidades) no país, os quais, no período de nossa coleta de dados estavam migrando para o Brasil, além dos *stocks* já estabelecidos. Via de regra, estes grupos são cotidianamente colocados à margem da sociedade, e buscam se estabelecer economicamente em trabalhos que variam da formalidade à informalidade, sendo constantemente relacionados a uma imagem negativa de insucesso econômico, pobreza e violência. Como afirma Erving Goffman (2012, p.12), a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas, imputando-lhes atributos que não precisam corresponder à realidade, mas que são construções sociais “virtuais”, expectativas normativas que constroem identidades sociais no imaginário coletivo e que são impostas sobre as pessoas. No caso específico dos imigrantes, o autor definiu este fenômeno como um “estigma tribal”, decorrente do critério da nacionalidade. Neste sentido, recuperando Rösen, a recusa em pertencer a esta representação negativa pode ter relação com a operação da consciência que, desvinculada da experiência (e do conhecimento histórico/científico), projeta futuros que podem ser desastrosos: no entendimento dos jovens, a unificação poderia estar significando que suas vidas no futuro se aproximariam a este conjunto de estereótipos.

Esta recusa de parte dos jovens da proposta de unificação do território também encontra respaldo nos sentidos de interpretação que provêm do passado e que podem estar dispostos na memória cultural e social destes jovens, a exemplo do modo como os latino-americanos foram representados pela historiografia nacional. Segundo Eujanian (1998, p. 40), que refletiu sobre o surgimento das repúblicas latino-americanas, os Estados Nacionais fundaram sua legitimidade, soberania, e também a ideia de cidadania, sobre discursos que enfatizaram diferenças culturais, políticas, sociais e, inclusive, étnicas. Complementando, para Heloísa Jochims Reichel (1998, p. 46):

Como a historiografia nacional criou suas representações de nacionalismo desde o período colonial, é natural que as disputas por território, os antagonismos políticos e as vivências culturais aparentemente distintas tenham sido integradas à memória nacional, servindo à afirmação e à exacerbação dos sentimentos nacionais. Fronteiras e guerras externas são temas que aparecem frequentemente interligados nos estudos



que focalizam as relações internacionais entre os povos e os Estados. Tal ligação se justifica porque o processo de delimitação territorial pode gerar disputas, as quais, por sua vez, conduzem à busca de soluções por meio da ação diplomática ou militar. Normalmente, as guerras geradas por questões de limites internacionais tornam-se acontecimentos que marcam a memória coletiva das sociedades que as vivenciam. Ao longo da história, as lutas contra inimigos externos têm contribuído para construir ou para fortalecer o sentimento de identidade na população, seja pela comemoração da vitória, seja pela frustração da derrota. (REICHEL, 1998, p. 48).

Assim, além das representações dos latinos enquanto imigrantes pobres – que permanecem como “estigmas” –, ainda acrescentamos que, em alguma medida, este imaginário também carrega a ideia do “outro” como um possível inimigo externo.

Continuando nossa análise, este posicionamento de recusa se expressou com maior intensidade nos jovens das escolas do tipo privada laica e empresarial, como observado abaixo.

Tabela 14: Tabela Cruzada: "41e.Ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país" X "41f.Integração econômica do MERCOSUL, incluindo uma moeda comum" (Escola Pública de Periferia e Privada Laica Empresarial)

			41f.Integração econômica do MERCOSUL, incluindo uma moeda comum		
			<i>Votaria contra</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Votaria a favor</i>
Escola Pública de Periferia	41e.Ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país	<i>Votaria contra</i>	18	41	28
		<i>Indeciso</i>	14	55	15
		<i>Votaria a favor</i>	3	18	38
Escola Privada Laica Empresarial	41e.Ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país	<i>Votaria contra</i>	55	53	50
		<i>Indeciso</i>	5	36	21
		<i>Votaria a favor</i>	7	16	17

Fonte: Projeto Jovens e a História - Software GNU PSPP. Total de jovens computados na tabela: Escola Pública de Periferia (230), Escola Privada Laica Empresarial (260).

Diante destes dados, destacamos que a maior parcela dos jovens das escolas privadas se concentrou na parte superior da tabela, demarcando um posicionamento contrário à unificação da América do Sul (demarcando também contrariedade, indecisão ou posicionamentos favoráveis à integração econômica do MERCOSUL). Esta incidência em torno da contrariedade da unificação não ocorreu nas escolas públicas, que chegaram a apresentar (dentre suas três maiores médias) uma parcela significativa de concordância com a unificação e integração econômica. Quanto aos extremos da tabela, um posicionamento radical de recusa total (unificação + integração econômica) se mostrou maior nas escolas privadas, da ordem de 20%,



contra 7% das escolas públicas. O oposto, que seria a aceitação total, mostrou-se maior nas escolas públicas de periferia, 16,52% contra 6,53% das escolas privadas.

Quando observado sob o critério da localização geográfica, os dados não nos permitiram inferir uma influência direta da geografia sobre o posicionamento político dos jovens. Esperou-se que na fronteira as ideias de integração econômica e unificação política fossem melhor aceitas pelos jovens, ou em proporções superiores às demais regiões, mas isso não aconteceu. Com relação à proposição de integração econômica, nas três regiões a porcentagem de concordância ficaram aproximadas, na casa dos 30%. Já o índice de recusa/contrariedade foi maior na região litorânea (23,8%), seguida de centro e fronteira, ambas em torno dos 18%.

Com relação à proposta de unificação da América Latina, a região de fronteira apresentou índice de 47,8% de recusa, índice que em muito se aproximou da região litorânea (48%). A região central apresentou o menor índice de recusa, 44,7%. Quanto aos índices de aceitação – jovens que assinalaram que votariam a favor da unificação –, apesar de ser um índice pouco expressivo, a região de fronteira apresentou o maior índice da amostra, da ordem de 20%, contra 16,4% do litoral e 16,3% da região central. Assim, tirando o último dado, que indicou uma tímida, porém maior aceitação da unificação na região de fronteira, os demais dados não sugeriram que a localização geográfica fosse um elemento significativo na explicação da aceitação ou recusa dos jovens.

Por fim, com relação à variável “tipos de cidade”, especificamente se referindo à alternativa “e” (“América Latina como um único país”), pudemos indicar que a recusa à unificação aumentou conforme aumentou o tamanho da cidade. Os jovens de cidades grandes (metrópoles e capitais regionais) apresentaram posicionamentos mais radicais no sentido de negar a proposta da unificação. Esta ideia se complementou com os índices de porcentagem de jovens que indicaram indecisão: quanto menor a cidade, maiores foram os índices de indecisão. Já quanto ao posicionamento de aceitação, a relação não foi direta/proporcional, como nos dois casos anteriores. De modo sintético, estas informações estão postas abaixo.

Tabela 15: Índices de frequência - 41e. Ações para que, no futuro, a América Latina seja um único país - Por tipo de cidade

Tipos de Cidades		Frequência	Porcentagem
Metrópoles	<i>Votaria contra</i>	221	50,2
	<i>Indeciso</i>	146	33,2
	<i>Votaria a favor</i>	73	16,6
Capitais Regionais	<i>Votaria contra</i>	453	51,2
	<i>Indeciso</i>	306	34,6
	<i>Votaria a favor</i>	126	14,2
	<i>Votaria contra</i>	291	42,9



Centros sub-regionais	<i>Indeciso</i>	262	38,6
	<i>Votaria a favor</i>	126	18,6
	<i>Votaria contra</i>	93	40,4
Centros de zona	<i>Indeciso</i>	96	41,7
	<i>Votaria a favor</i>	41	17,8
	<i>Votaria contra</i>	7	28,0
Centros locais	<i>Indeciso</i>	13	52,0
	<i>Votaria a favor</i>	5	20,0

Pertencimento latino-americano: disposições finais

Podemos resumir as conclusões do artigo em três pontos:

Tendências à neutralidade / interesse médio

Apesar das ressalvas indicadas anteriormente (a hipótese de que as médias poderem estar oscilando conjuntamente de questão para questão), quando aproximamos todas as alternativas das questões que selecionamos podemos confirmar o disposto na literatura de que existe certa prevalência dos posicionamentos considerados de interesse médio (-0,5 até 0,5).

Enfatizamos, como pudemos perceber em muitos dos casos, a média neutra também pôde resultar da somatória de dois posicionamentos significativos em sentidos contrários. Assim, indicamos que tanto a ausência de experiências e conhecimentos na memória individual, como exatamente o seu oposto, a presença de experiências e conhecimentos em parcela significativa da sociedade, quando se transformaram em médias, resultaram em índices de neutralidade, ou seja, em posicionamentos menos enfáticos.

Assim, a maioria das alternativas que analisamos refletiu esta tensão entre ser uma média neutra homogênea ou uma média com aparência homogênea de neutralidade.

Modus operandi da consciência

Como supôs a reflexão teórica (apontamentos de Jörn Rüsen e Bodo Von Borries), os valores presentes na sociedade operaram e participaram significativamente das decisões políticas dos jovens de nossa amostra. Nos posicionamentos dos jovens, percebemos pelo menos dois eixos possíveis de interpretação da realidade, que podem ser descritos aqui em uma dimensão ideal-típica: eixo ideológico e eixo ético.

Para o primeiro caso, percebemos significativa prevalência de atribuições de importância às alternativas que se relacionaram à liberdade individual e ao sucesso econômico dos jovens. É como se as decisões políticas, num momento já consolidado do neoliberalismo



na região, refletissem sobre as ideias dos jovens de tal forma que podemos indicar isso como um *modus operandi* da consciência. Privacidade, individualismo, liberdade e sucesso econômico formam um filtro conjunto de visão e de interpretação da realidade, constituindo-se como interesses com os quais os jovens possivelmente avaliaram as demais alternativas do questionário.

Numa entrevista ao canal Jornalistas Livres¹⁸, a filósofa e professora Marilena Chauí realizou uma discussão sobre como as políticas neoliberais refletem nos indivíduos como ideologia neoliberal. Para a autora, esta ideologia se apresenta como uma estratégia de convencimento que emana das práticas neoliberais (em especial, a transformação dos direitos sociais em serviços/mercadorias). Desse modo, cria-se na sociedade a ideia de que a privatização dos serviços e direitos sociais é algo bom. Esta construção, que se encontraria num momento avançado em nossa sociedade, remodela a ideia que o indivíduo tem de si próprio, de tal forma que ele não se vê mais como pertencente a uma classe social (como trabalhador), mas através de uma imagem idealizada de “empresário de si próprio”, que presta serviços e negocia em condições de igualdade com o empregador. Faz parte desta ideologia a ideia de que o indivíduo arque com o ônus de saúde, previdência, educação e formação individual para que se torne mais atraente no mercado, ideia que se alinha a um individualismo extremado, o qual desobriga o Estado de suas responsabilidades a partir da ilusão da meritocracia: o indivíduo se constrói a si, investe em si mesmo, perde a referência de classe ao se projetar numa ilusão de consumo e se relaciona socialmente a partir de uma lógica individualista competitiva.

Esta ligação entre ideologia liberal e os posicionamentos dos jovens se mostrou visível nas avaliações de alternativas como família, liberdade de opinião, estudar e trabalhar fora do país, interesses pessoais, acordos comerciais, infraestrutura para o comércio e desejo de acesso aos produtos da região. Os jovens de nossa amostra (incluindo os de escolas públicas de periferia) avaliaram as questões relativas ao comércio internacional com a mesma atribuição de importância (ou de modo similar) que a de assuntos relativos aos seus espaços privados/individuais. Assim, atrelada à ideia de abertura dos mercados e comércio internacional, esteve uma possível crença de que o sucesso econômico do país geraria como consequência necessária a melhoria social para todos, através da distribuição dos produtos e das ofertas formativas (formação pessoal e para o mercado de trabalho), crença que costuma caminhar junto com a defesa da privacidade e da liberdade individual.

¹⁸ Disponível em: <<http://migre.me/w07p9>>. Acesso em: 05/02/2017.



Podemos compreender melhor esta relação, de modo breve, a partir da articulação de dois outros conceitos (externos à teoria de Rüsen): imaginário e modo de vinculação.

Por imaginário, que em muito se assemelha e enriquece o entendimento do conceito de cultura histórica, Juremir Machado da Silva entende:

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e aspirar ao estar no mundo. ...Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos e grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites da prática. (SILVA, 2006, p. 11).

O imaginário seria um *locus* de produção de sentido, um “reservatório” de uma dada cultura (ou poderíamos falar em “reservatórios” interligados de culturas), por meio do qual cada grupo interpretaria os valores imaginados a partir de suas experiências coletivas, de suas normas e de seus “mitos” e, ao fazê-lo, colaboraria para a transformação dos sentidos que são comuns a todos os outros grupos (CAZELOTO, 2013, p. 46).

A esta ideia de armazenamento cultural, comunicável de modo imediato (relações comunicacionais interpessoais) e mediado (indiretamente via aparatos comunicacionais), podemos somar à noção de “modo de vinculação” de Edilson Cazeloto, que busca refletir sobre a existência de um “imaginário capitalista”. Para o autor, o conceito de vinculação busca dar conta da variedade de formas históricas e formas socialmente determinadas com que os vínculos entre seres humanos são construídos em sua dimensão material, de forma a produzir e reproduzir imaginários. Assim, este apontamento de Cazeloto enriquece a discussão ao indicar a existência de um processo de vinculação entre o modo de produção capitalista e a “universalização” de valores mercantis, no âmbito da cultura cotidiana.

É essa perspectiva que sustenta a hipótese de que um processo de longo prazo como a abstração dos vínculos deve corresponder a um conjunto de “necessidades sociais supervenientes”. No sistema capitalista, dada a propriedade privada dos meios de comunicação e a íntima relação entre a comunicação e o mercado, essas necessidades confundem-se com a própria reprodução ampliada das relações capitalistas. É nessas relações que deve ser construída a compreensão sobre a questão dos vínculos e do Imaginário. (CAZELOTO, 2013, p. 49).

Esta possível relação entre imaginário e “valores mercantis” é o que identificamos nas atribuições de valores dos jovens de nossa amostra. Houve uma supervalorização de temas relacionados ao discurso midiático de apelo e defesa dos interesses tanto do mercado (interesses comerciais), quanto individuais, o que nos permitiu considerar isso, em consonância com a concepção de Rüsen, como uma maneira/sentido de operação da consciência: o discurso ideológico liberal se configuraria então como filtro e quadro interpretativo da realidade e



participaria das tomadas de decisões. Uma única exceção encontrada em nossos dados, como apontado anteriormente, se referiu à questão 40 do questionário, que versou sobre a aproximação comercial do Brasil com a América Latina, e na qual não foi possível identificar uma relação entre o tamanho da cidade e a atribuição de valor/importância pelos jovens às relações comerciais e aproximações com a região.

Para o segundo caso, podemos apontar as ideias de certo e errado, justo e injusto, bom e mal (o “politicamente correto”, o comumente aceito na sociedade como justo, bom, verdadeiro, digno, correto) as quais compõem a moralidade na sociedade, como também sendo um *modus operandi* da consciência. O querer e o poder, o interesse pessoal e o dever ético-moral, se misturaram em nossos dados nas atribuições de importância dos jovens sobre o meio ambiente, a integração solidária na região e a solidariedade com os pobres do país e de outros países. Podemos apontar que a moralidade caminhou junto com a forma como os jovens recuperaram o passado e projetaram futuros em suas decisões, a ponto de se sobrepor (com maiores médias), em alguns casos, ou contrastar, em outros, com os próprios interesses pessoais/privados e econômicos.

Estas foram as duas forças que julgamos terem operado nas manifestações políticas dos jovens e composto a totalidade do que pudemos concluir, instrumentalmente, como a complexa rede de relações que compõem o sentimento de pertencimento dos jovens brasileiros à América Latina.

Pertencimento latino-americano de jovens brasileiros: entre as impressões iniciais e finais

O que inicialmente se apresentou como uma ausência nas noções de pertencimento dos jovens não se confirmou com o esmiuçar das questões do projeto. Os dados de nossa amostra apresentaram noções dimensionais de pertencimento. Em nossa interpretação, o que encontramos não foi um pouquinho de “latinidade” existente em cada um dos jovens – como poderíamos supor a partir de um entendimento essencialista da identidade –, mas alguns jovens que se sensibilizaram com questões referentes à América Latina. Esta sensibilização variou conforme a temática apresentada e, dentro de cada temática, conforme as variáveis (localização geográfica, tipos de escola e tipos de cidade).

Não foi possível identificar um pertencimento que resultasse de uma pergunta simples e explícita (a exemplo de “Você se sente pertencente à América Latina?”, ou “Você se considera latino-americano?”), pois estas perguntas não estavam postas no questionário do projeto Jovens



e a História. O nosso esforço foi o de, a partir das questões existentes, tentar identificar como os jovens se interessaram e atribuíram valor às questões que envolveram a regionalidade.

Neste sentido, podemos aqui apontar que algumas das nossas interpretações do início do artigo não encontraram sólida fundamentação nas análises de frequência e cruzamentos que realizamos. Podemos pontuar aqui dois casos:

- Recusa considerável (0,14) à modelos de integração que signifiquem a diminuição da soberania nacional (ONU e Mercosul). Os dados de frequência nos indicaram que a recusa era, de fato, da ordem de 4% (24 jovens), sendo a aceitação explícita da ordem de 34% (787 jovens). Portanto, não convém mais afirmarmos que os jovens refutaram esta ideia, mas que se concentram na zona intermediária (41,1%), com aproximações mais significativas à aceitação;
- Apresentaram baixo interesse no conhecimento da história dos países da América Latina (0,04) e da própria origem étnica (0,08). Da mesma forma que no ponto anterior, nossa interpretação dos dados de frequência indicou que as recusas eram da ordem de 30,5% (720 jovens), e 31,7% (733 jovens), respectivamente, sendo os interesses explícitos pela história e origem étnica superiores, da ordem de 34,2% (807 jovens) e 37,7% (872 jovens). Assim, abstraindo os índices de neutralidade (35,4% e 30,6%), os dados nos sugeriram sensível preferência e demonstração de interesse pela história dos países latinos e pela origem étnica (africana, europeia e indígena).

Quanto às informações do início do artigo que encontraram respaldo numa análise mais detalhada, elas se referem à presença de um sentimento patriótico bastante relativo, um sentimento que não se traduziu substancialmente no interesse dos jovens pela história do país, do desenvolvimento das nações, da democracia, no conhecimento da própria região, localidade onde vive e história das pessoas comuns, sendo, portanto, um sentimento distante de um possível nacionalismo exacerbado. Os jovens apoiaram significativamente o fluxo de produtos, trabalho e estudo na região, a unificação da moeda e a construção de infraestruturas que beneficiem a integração comercial entre os países sul-americanos.

Para finalizar, podemos listar ainda outras conclusões encontradas ao longo do texto:

- Em questões como “interesse por culturas distantes”, “interesse pela história de países da América Latina”, “solidariedade com os pobres de outros países”, “interesse pela origem étnica” e todas as alternativas que implicaram relações comerciais, acesso aos produtos,



trabalho e estudo no exterior, houve uma relação entre interesse e regiões. O que pudemos constatar é que quando a alternativa versou diretamente sobre a América Latina, o critério geográfico se manifestou (para demonstrar seja os maiores índices de interesses, seja os maiores de desinteresse, significando possivelmente desconfiança).

- A variável “tipos de cidade” só se mostrou como determinante em questões como origem étnica e unificação política da América do Sul, em que o interesse estabeleceu relação com o tamanho da cidade, aumentando inversamente ao tamanho da cidade.
- Quanto à variável “tipos de escola”, as escolas públicas de periferia demonstraram maior atribuição de interesse às questões individuais, locais, subjetivas e de solidariedade, enquanto que as escolas privadas laicas e empresariais apresentaram maiores interesses em questões que remeteram ao estrangeiro, ao comércio, ao fluxo de produtos, serviços, oportunidade de estudo e trabalho. Dentre estes dois tipos de escolas, os jovens de escola pública apoiaram significativamente a unificação da região, enquanto que os jovens das escolas privadas rejeitaram substancialmente esta possibilidade.
- Por fim, quanto a esta proposta explícita de unificação da região, apenas 16,4% (371 jovens) posicionaram-se a favor.

Concluindo o artigo, podemos apontar que uma parcela significativa dos jovens de nossa amostra demonstrou interesse variado pela cultura e pela história latina, pelos produtos da indústria cultural, pela possibilidade de estudar e trabalhar fora do país, pela unificação da moeda, pela promoção de uma integração mais solidária (lembrando que as ideias de América Latina e solidariedade se mostraram relacionadas no interior da amostra) e também atribuiu importância à origem étnica. Contudo, estas identificações, traduzidas em interesse, não estão dispostas uniformemente em todos ou na maioria dos jovens de nossa amostra, como, por exemplo, as ordens de 30% indicadas acima. Estas noções dispersas e capturadas pelo instrumento demonstram a existência deste sentimento de pertencimento em parcela significativa da sociedade, a partir de nossa amostra, sentimento que se retroalimenta dos valores liberais e éticos dispostos na sociedade.

Referências



ALVES, T. K. I. C. **Identidade(s) latino-americana(s) no ensino de história:** um estudo em escolas de ensino médio de Belo Horizonte, MG, Brasil. 2011, 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

ALVES, R. C. **Das causas e consequências na aprendizagem histórica:** um estudo a respeito da significância histórica. Revista Eletrônica Documento/Monumento, v.12, p.165-191, 2014.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23. Disponível em: <http://migre.me/vRIRN>, acessado em 12/01/2017.

ANGVIK, M.; BORRIES, B. (eds.). (1997). **Youth and History. A comparative european survey on historical consciousness and political attitudes among adolescents.** Hambourg: Edition Körber-Stiftung. Vol. A.

BARCA, I. **Ideias chave para a educação histórica:** uma busca de (inter)identidades. In: História Revista, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.

BAROM, W. C. C. **Didática da História e consciência histórica:** pesquisa na Pós-graduação brasileira (2001-2009). 2012a, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2012a. Orientador: Luis Fernando Cerri.

_____. **A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade:** uma contribuição à didática história. Educação e Realidade, v.37, p.991 - 1008, 2012b.

_____. **Os micro campos da Didática da História:** A teoria da história de Jörn Rüsen, pesquisas acadêmicas e o ensino da história. Revista de Teoria da História, v. 11, p. 15-67, 2014.

BORRIES, B. **Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico, ou conhecimento do cânone histórico?** Revista de Educação Histórica, Curitiba, n.1, p.155-178, 2016a.

_____. Exploring the construction of historical meaning: Cross-Cultural Studies of Historical Consciousness Among Adolescents. In: Lehmann, Rainer H. (Eds.): **Reflections on Educational Achievement**, Münster, New York (Waxmann), 1993, p.25-49. Disponível em:<<https://www.waxmann.com/fileadmin/media/fs/borries.pdf>>. Acesso em: 26/01/2017.

_____. **Jovens e Consciência Histórica.** Curitiba: W.A Editores, 2016b.

BORRIES, B.; ANDREAS, K.; MEYER-HAMME, J. **Uso reflexivo de los manuales escolares de historia:** resultados de una encuesta realizada a docentes, alumnos y universitarios. Enseñanza de las Ciencias Sociales, v. 5, 2006, p.3-19.



CARDOSO, O. **Para uma definição de Didática da História.** Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 28, n. 55, Junho, 2008.

CARIE, N. S. **Avaliações de coleção didáticas de História de 5º a 8º série do ensino fundamental:** um contraste entre os critérios avaliativos dos professores e do programa nacional do livro didático. 2008, 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 139f. Orientadora: Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos.

CARVALHO, E. (Org.). **Perspectivas da Globalização e das suas Contradições no Brasil e na América Latina.** São Paulo: LCTE, v. 1, p. 121-150, 2011.

CARVALHO, R. G. **Jörn Rüsen e os fundamentos teóricos da Didática da História.** Revista de Teoria da História, v.6, n.12, p. 358-368, 2014.

CAZELOTO, E. **Vínculos abstratos:** a construção de um imaginário capitalista. Folios:Facultad de Comunicaciones, Universidad de Antioquia, Medellín (Colômbia), n. 29, p. 35-54,2013.

CERRI, L. F. **Cartografias Temporais:** metodologias de pesquisa da consciencia histórica. Educação e Realidade, v. 36, p. 59-81, 2011.

CERRI, L. F., AMEZOLA, G. **Los jóvenes brasileños y argentinos frente a la enseñanza y el aprendizaje de la Historia.** Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales (Mérida - Venezuela), v.12, p.31 - 50, 2007.

CERRI, L. F.; AMEZOLA, G. **El estudio empírico de la conciencia histórica en jóvenes de Brasil, Argentina y Uruguay.** Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales, v. 24, p. 03-23, 2010.

CONCEIÇÃO, J. P. **Ensino de história e consciência latino-americana no Colégio de Aplicação da UFSC.** 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

_____. **Entre muitos 'outros':** ensino de história e integração latino-americana. História e Diversidade, v. 7, p. 7-23, 2015.

_____. **O peso do passado:** currículos e narrativas no ensino de história das Ditaduras de Segurança Nacional em São Paulo e Buenos Aires. 2015, 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

EUJANIAN, A. Diálogos e contatos entre a historiografia dos países americanos: uma visão na perspectiva argentina. In: MARFAN, M. A. (org.). **O ensino de história e geografia no contexto do Mercosul.** Brasília: MEC/SEF, 1998.



FERREIRA, A. R.; PACIEVITCH, C.; CERRI, L.F. **Identidad y decisiones políticas de jóvenes brasileños, argentinos y uruguayos.** Clio & Asociados, Santa Fe/ La Plata, n. 14, p. 129-141, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HUNTINGTON, S. **O choque de civilizações.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KALIL-ALVES, T.; OLIVEIRA, W. **O ensino de história da América Latina no Brasil:** sobre currículos e programas Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación, vol. 3, n. 6, jan-jun, 2011.

LUGO, A. M. **La historia que se aprende en la escuela básica venezolana:** Percepción y conocimientos del alumnado. 2008, 633 f. Tese (Departamento de Didáctica das Ciências Sociais) – Universidade de Barcelona, Espanha, 2008.

MARIANO, N. R. **C.A representação sobre os índios nos livros didáticos de história do Brasil.** 2006, 111f. Dissertação (Departamento de Educação Popular, Comunicação e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

MARTINS, E. C. R. **História:** consciência, pensamento, cultura, ensino. Educar em Revista, Curitiba, n. 42, p. 43-58, 2011.

MORAES, R. N. **Equívocos da visão eurocentrista em livros didáticos brasileiros sobre África e africanos.** Historien (Petrolina), v. 9, p. 256-268, 2014.

REICHEL, H. J. Produção historiográfica no Mercosul: abordagens e tendências. In: MARFAN, M. A. (org.). **O ensino de história e geografia no contexto do Mercosul.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROCHE, F. L. Aproximaciones al concepto de cultura política. In: HERRERA, M.C.; DÍAZ, C. J. **Educación y Cultura política:** una mirada multidisciplinaria. Bogotá: Plaza & Janés Editores, 2001, p. 29-58.

RÜSEN, J. **História Viva:** teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007b.

_____. **“Qué es la cultura histórica?:** Reflexiones sobre uma nueva manera de abordar la historia”. Cultura histórica. [Versión castellana del texto original alemán em K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds. (1994). Historische Faszination.

_____. **Razão histórica:** teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.



_____. **Reconstrução do passado:** teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UnB, 2007a.

SANTIAGO, L. A. S. **Ensino de história da América no Brasil e na Argentina (1995-2010):** um estudo comparativo sobre a ótica da política de integração regional e da identidade latino-americana. 2012, 317f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

_____. **O Ensino de História no Setor Educacional do MERCOSUL.** Percursos (Florianópolis. Online), v. 11, p. 01-17, 2010.

SANTIAGO, L. A. S.; RANZI, S. M. F. **As propostas do setor educacional do Mercosul para o ensino de história.** Revista Práxis Educativa, v.8, n. 2, p. 443-463, 2013.

SANTIAGO, L. A. S.; RANZI, S. M. F.; CARVALHO, M. A.; CARNEIRO, M. E. F. **Políticas educacionais integradoras:** propostas curriculares do Brasil e da Argentina. Conjectura: Filosofia e Educação (UCS), v. 21, p. 144-181, 2016.

SILVA, C.B. da. **O ensino de história - algumas reflexões do Reino Unido:** entrevista com Peter J. Lee. Tempo e Argumento, v. 04, p. 216-250, 2012.

SILVA, J. M. da. **As tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

VENERA, R. A. S.; CONCEIÇÃO, J. P. da. **Tensões curriculares e narrativas:** o ensino de História da América Latina. Tempo e Argumento, v. 04, p. 128-151, 2012.